



Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA

nº 3 - dezembro/2017



Manifesto

Fazer esta revista tem sido um exercício apaixonante. Não só pelo resultado, mas por todo o processo, o caminho que percorremos para entregar o conteúdo que aqui se encontra. Somos uma escola de fotografia, e o amor pelo conhecimento está no nosso âmago. Aqui, cumprimos o que já se sabe de senso comum: quem ensina também aprende. Aprendemos muito para fazer esta revista, produzir todos estes textos, estas fotos. E amamos passar adiante o que está aqui dentro, abrimos nossas asas, expandimos para o mundo.

E abrir nossas asas cada vez mais, tal como uma borboleta saindo do casulo pela primeira vez, tem sido uma constância da Sala de Fotografia. Nestes dez anos completados e celebrados em 2017, reunimos cada vez mais atividades. Exposições fotográficas, curadorias, palestras, campanha solidária, diagramação, edição de fotos, fotografias de eventos, textos dos mais diversos. Amamos esse agito provocado pela curiosidade.

Mas somos múltiplas personalidades. Também amamos a calma reflexão que a absorção do conhecimento necessita. A calma depois da tempestade. Depois de dias intensivos em palestras, internalizamos o que aprendemos e produzimos então o conteúdo de nossas análises, baseadas em muito diálogo. E é uma conversa que não fica apenas entre nós, editoras, Liliane e Sabrina. Discutimos muito com nossos alunos, com quem nos acompanha nas expedições fotográficas. Porque os melhores debates são assim: cercados de pessoas, para ter uma grande pluralidade de conceitos, ideias e convicções. É no diferente que se avança.

Porém, nem só pela revista fazemos tudo isso. É mais ao contrário: a revista nasceu porque fazemos tudo isso. Nasceu como um lugar para colocar tudo o que aprendemos, todas as nossas atividades. Amamos o conhecimento por si só, pelo prazer de aprender, para além de uma lógica utilitarista. Porque o aprendizado é assim: nos engrandece sem nem a gente perceber. E temos, de novo, aberto cada vez mais nossas asas. Temos estudado para muito além da imagem, temos frequentado muito mais que festivais de fotografia. Tudo o que é conhecimento nos interessa, e assim temos ido a muitas palestras de diversas áreas, como literatura, psicologia, filosofia.

O processo de fazer esta revista revela-se como uma surpresa para nós mesmas, pois

denota a nossa intensa produção neste semestre. Esta publicação acabou com centenas de páginas! Nem nós lembrávamos de tantas atividades. Culminamos tudo com a nossa já tradicional retrospectiva, que pontua o que fizemos de mais importante neste ano.

E assim concluímos que fizemos muito em 2017, como sempre. Contudo, sabemos que não foi um ano fácil para quem trabalha com arte, cultura, educação. Vivemos um momento muito conturbado destas áreas no país. Se em 2016 vimos a extinção do Ministério da Cultura - felizmente revertido -, neste nos deparamos com imensas discussões sobre os limites da arte e da censura. Mais localmente, temos visto com crescente preocupação o debate sobre o corte de verbas para a cultura. Devemos lembrar que cultura não é lazer: é educação. Ela faz com que as pessoas se insiram e compreendam o seu mundo, se apropriando de conhecimento e de espaços de sua própria cidade. Verbas para a cultura não significam engrandecer artistas em benefício próprio, mas sim investir em produtos culturais entregue pelos artistas - produtos estes que o governo não consegue fazer por si só. Mais do que gerar educação, ela age diretamente em níveis sociais, ao buscar inserir toda a sociedade.

Todos os projetos culturais têm contrapartidas fundamentais para a comunidade nas quais estão inseridos. Para citar dois exemplos rápidos, lembramos de exposições fotográficas que movimentaram o Museu Municipal de Caxias do Sul em 2016 sob a nossa curadoria, que promoveram muitas atividades com crianças e adultos - fazendo com que diversas pessoas visitassem pela primeira vez este espaço público de preservação de nossa memória coletiva. Uma delas foi a exposição "Coleção de Memórias", no qual um coletivo de fotógrafos explorou os cinco sentidos de quem visitava o Museu, ampliando as ações educativas. Já a exposição "A Fé que Conduz: do Senegal a Caxias do Sul" de Marcia Marchetto, também com curadoria de Liliane, trouxe os imigrantes senegaleses para este local. Se os museus são os espaços que a comunidade negocia sua identidade, sem dúvida que atividades como esta fazem com que se quebrem estereótipos e preconceitos. Então, como aceitar que sua força possa ser reduzida por corte de verbas? Museus são conquistas da sociedade, e cortar verbas é regredir a um passado no qual se considera que apenas o trabalho engrandece o homem, sem lembrar que "a arte existe, porque a vida não basta", como nos ensina Ferreira Gullar.

Se tem algo que aprendemos com tudo isso é que resistir é preciso. A Revista Sala de Fotografia, então, é o nosso ato de resistência. Até 2018!

Liliane e Sabrina.

Revista 
SALA DE FOTOGRAFIA
nº 3 - dezembro/2017

Expediente - quem faz

Diretora Geral: Liliane Giordano
Fotógrafa e mestre em educação

Editora-chefe: Sabrina Didoné
Jornalista (MTB 0018277/RS)

Textos, fotos e diagramação:
Liliane Giordano
Sabrina Didoné

Conselho editorial:
Liliane Giordano
Sabrina Didoné
Thaynne Andrade

saladefotografia@gmail.com
(54) 3534.8994 | (54) 9.9981.9894

Índice

08	Festivais de fotografia: Canela Foto Workshops
32	Feiras de fotografia: Alasul 2017
36	Congressos de fotografia: Go Image on Stage
30	Carta Aberta: 10ª Semana da Fotografia de Caxias do Sul
36	Exposição: Salientes
64	Festivais de Fotografia: Paraty em Foco
82	Festivais de Fotografia: Valongo - Santos
102	Exposição: Retratos da Alma
108	Os 10 anos da Sala de Fotografia
112	Lojinha da Sala de Fotografia
116	Expedições Fotográficas Sala de Fotografia
118	Retrospectiva 2017
124	A importância da educação

Análise - Festivais de Fotografia

Canela Foto Workshops 2017

A fotografia profissional não morreu: ela está mais viva do que nunca. Mesmo nos âmbitos que ela parece perder força, como o fotojornalismo e a fotografia publicitária, ela não morre agora, apenas se remodela e ganha outros contornos. E, talvez, ganhe até mesmo muito mais liberdade, fugindo da obrigação de ter que representar o real. Isso foi o que aprendemos de mais importante nesta 15ª edição do festival de fotografia Canela Foto Workshops, que ocorreu na turística cidade da Serra Gaúcha de 1º a 5 de junho de 2017. Neste ano, o evento se juntou a feira e congresso de fotografia Alasul, que ocorreu na sua sequência, nos dias 6 e 7 de junho. E a Sala de Fotografia esteve por lá todos esses dias para conferir o que rolou nas palestras, workshops, congresso e feira.



Um dos defensores da ideia de que a fotografia talvez agora ganhe mais liberdade é do artista Vik Muniz, que palestrou no domingo no Canela Foto Workshops. Para ele, a fotografia começa a se libertar das amarras de ser obrigada a retratar apenas o real, pois passa-se a ter um entendimento que ela é sempre um recorte dessa chamada realidade. E comparou com a história da pintura, pois foi decretada a sua morte devido a fotografia, mas o que ocorreu de verdade foi que os artistas então puderam pintar o que queriam, sem buscar as referências apenas no concreto da imagem.

Ainda, as palestras que deveriam ser o “velório” do fotojornalismo e da fotografia publicitária demonstraram que estes ramos estão vivos, se reinventando e quebrando as suas amarras. E a opinião não era uma qualquer: grandes mestres da fotografia nacional compuseram essas mesas. Nomes como Al Handam, Márcio Scavone, Raul Krebs



e Cristiano Burmester, na fotografia publicitária; e Orlando Brito, Ricardo Kadão Chaves, Rogério Reis e Edu Simões, no fotojornalismo, devem ser ouvidos com atenção e respeitados. Suas carreiras e suas falas no festival demonstram o poder e o respeito que importantes referências como estas nos impõem.

Estes “velórios” até poderiam ser taxados de nostálgicos, e não podemos viver de saudosismo. Mas só vivemos o presente porque temos uma história bem fundamentada. Não vamos ter um futuro se não olharmos para esse presente de agora, e pra entender esse presente é preciso olhar para a nossa história. É só com a retomada da história que se compreende o que se vive. Se não tiver importância hoje, não vai haver legado nenhum.

Mas estas mesas fizeram mais do que só retomar o passado. Elas também tentaram entender para onde vamos. Confira o que foi discutido.



“Fotografia é uma linguagem que todo mundo acha que fala.”

Márcio Scavone

Morte da fotografia publicitária

O Fórum de Ideias do Canela Foto Workshops foi composto por três palestras. A primeira delas ocorreu sábado à tarde (03/06) no casarão do Grande Hotel Canela e teve como tema “Jamais nos matarão , o que é bom não acaba”, discutindo a fotografia publicitária.

O primeiro a falar foi Márcio Scavone, uma das referências em fotografia de retrato no Brasil. Ele explicitou que foi atraído para a fotografia publicitária pela ideia de poder fazer um pouco de tudo. Este poder, segundo ele, agora na era digital, está com as agências. Porém, nestes ambientes, o pessoal de marketing é cada vez mais jovem, e lhe falta vivências e experiências de mercado.

Scavone ressaltou que fotografia de publicidade é a fotografia aplicada, e que seu interesse agora é a fotografia como um todo.

“Descobri que a fotografia é muito maior que esses grandes rótulos, como fotojornalismo, publicitária... A foto é algo maravilhoso, e que te leva para onde nenhuma outra linguagem pode te levar. Os olhos são a forma mais direta de ver o mundo.” Márcio Scavone

Para o fotógrafo, uma boa foto é uma que te dá “uma porrada na cara e mesmo assim você quer voltar para ver mais”. E assim grandes fotógrafos trabalham tanto com fotografia publicitária como seguem também outros caminhos.

“Qualquer fotógrafo que se apoie muito na linguagem formal está frito, porque é fácil de

copiar. Estilo demora muito mais para aparecer na fotografia. Não entre na ideia de concorrência, você pega um trabalho que é pra você. Porque se cai nessa vala comum, nem nome tem. Legal é impor seu estilo na foto publicitária que é a mais genérica de todas. Concorrência é mentira.” Márcio Scavone

Scavone destacou ainda que ele acredita que caiu o rótulo de fotógrafo publicitário, assim como caiu o rótulo de digital para a fotografia.

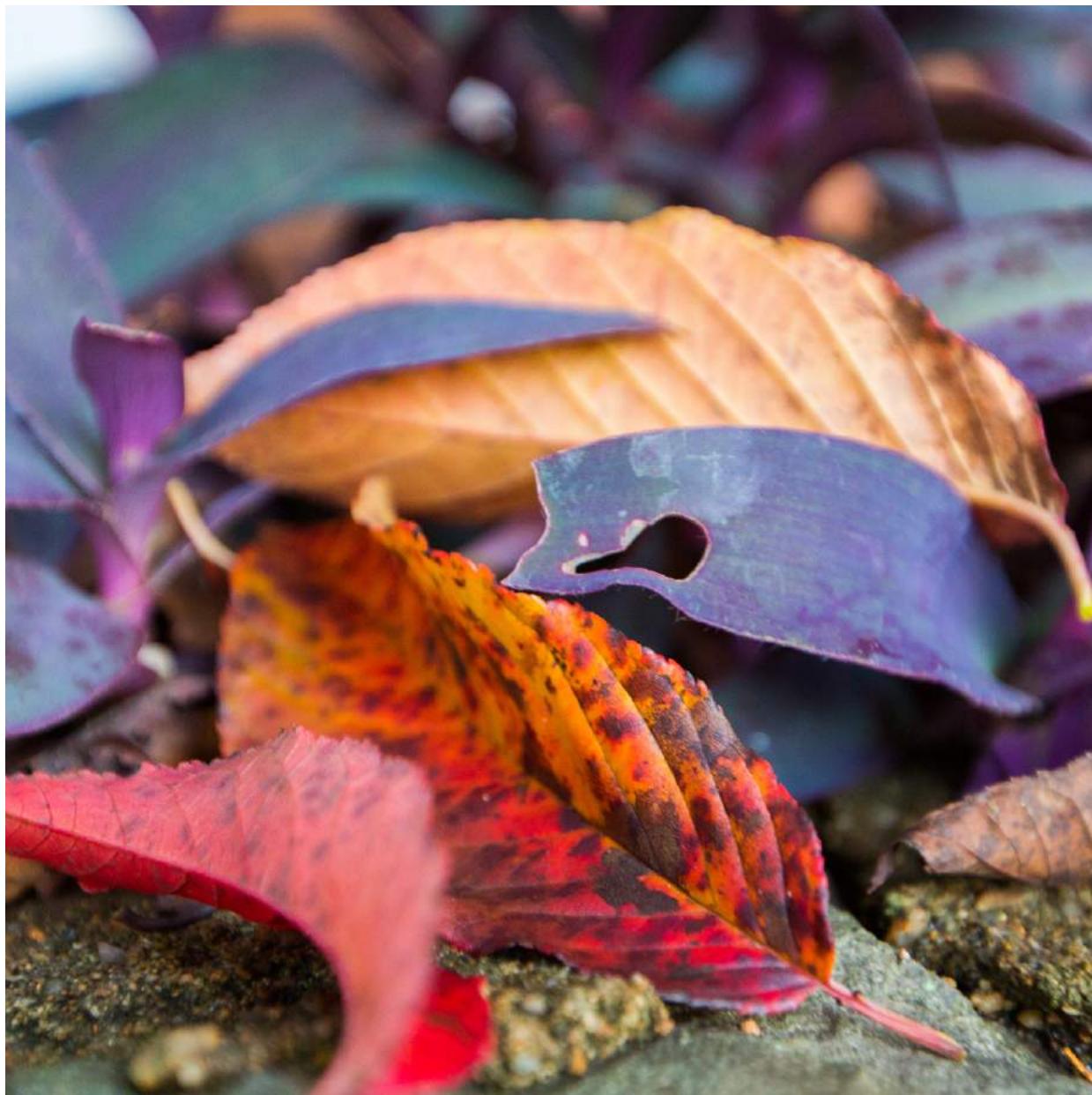
Já Al Handam foi mais taxativo: para ele, a foto de propaganda não vai morrer. Na verdade, ela até começa a nascer de novo. E demonstrou como ele vem se reinventando agora, ao fotografar para anúncios na web, e mesmo criando fotos animadas – espécie de gifs.

O fotógrafo, que já trabalhou para as maiores marcas publicitárias do país por muitos anos, como a Coca Cola, explicou ainda que estudou muito para “botar a minha cara a tapa”, em suas palavras. E também seus filhos, que foram considerados gurus do Photoshop nos Estados Unidos. Seu estúdio foi um dos primeiros completamente digitais do país, e ele foi o pioneiro em falar sobre foto digital no Canela Foto Workshops.

Handam concorda com Scavone ao ressaltar



“Estou aqui para estimular vocês, foto de publicidade é ótima. Nós, fotógrafos publicitários, emocionamos as pessoas. Fotógrafo se identifica em um ou outro caminho, mas somos todos um, gostamos de emocionar as pessoas, precisamos emocionar, e acabamos nos emocionando também.” Al Handam



a importância de um estilo fotográfico.

“Foto boa é quando cliente quer a sua linguagem, quando te contrata porque quer a sua linguagem particular. Não adianta me pedir pra copiar, eu nem sei fazer isso”. Al Handam

Na discussão da mesa, o fotógrafo e coordenador do festival Fernando Bueno – e que teve trabalho fotográfico catalogado no Musée Français de La Photographie (Paris, França) em junho de 1991 – também concordou sobre a questão de estilo.

“A visão autoral é a que vai permanecer. E temos que sair de só ser contratado pelo cliente pra fotografar produto.” Fernando Bueno

Handam também destacou a influência da crise da economia nacional para a percepção de que a fotografia publicitária vai morrer. Crise esta que atingiu principalmente os clientes de grandes anúncios publicitários. Ainda, as grandes empresas têm contratado jovens para ocupar cargos na área publicitária e de marketing, devido ao custo dos profissionais. O problema, para Handam, é que o jovem não lê, não vê, acaba por ser superficial em todos os âmbitos.

Para Cristiano Burmester, presidente da Abrafoto (Associação Brasileira de Fotógrafos Profissionais), a foto de publicidade é importante como um recorte histórico. Afinal, a linguagem publicitária vai e volta, seguindo tendências, e a sua fotografia acaba por retratar o modo como a sociedade vive em determinado período.

A associação, que iniciou em 1985 focada

neste tipo de fotografia, e que agora ampliou para todos os gêneros, promoveu uma exposição fotográfica com fotos emblemáticas de cada época da publicidade brasileira em São Paulo. A mesma exposição estava no Canela Foto Workshops, com o apoio da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Depois do festival, a exposição segue para a universidade, sendo uma importante ferramenta para os alunos do curso de Publicidade e Propaganda e também de Fotografia dessa instituição para se aproximarem do trabalho de grandes mestres da fotografia publicitária nacional.

Cristiano ainda destacou que vê a fotografia publicitária transitando por vários âmbitos: pode ser retrato, paisagem, e até jornalismo, nos casos em que vai a campo. Ele ainda falou sobre o que vem mudando nessa área:

“A grande mudança de agora é das mídias, o nosso cliente precisa dividir por mais mídias seus valores para anúncios. E o cliente mede muito mais quem está acessando, e assim questiona o dinheiro que coloca aqui e ali. Antes agências ganhavam bv [comissão] e não precisavam cobrar pela criatividade. Agora não ganha mais e, se não cobra pela criatividade, não precisa de talentos.” Cristiano Burmester

E acabou por concordar com Scavone quando diz que todo mundo agora acha que fotografa, mas fazendo uma retrospectiva de um período semelhante já enfrentado na fotografia em sua história:

“A fotografia publicitária fica mais de nicho, e fica mais híbrida. E invade o jornalismo, não só publicidade, a questão aqui é o uso da imagem. Quando George Eastman [fundador da Kodak] criou a câmera portátil, começou a se perguntar porque chamar fotógrafo se você mesmo faz? Tal como agora com os celulares.” Cristiano Burmester

Raul Krebs – que conquistou importantes prêmios, inclusive o NY Photo Awards 2012 - Advertising Single – concordou com Cristiano em relação ao hibridismo da fotografia publicitária, e ainda sobre agora estar rumando mais para uma ideia de fotojornalismo. Raul explicou que já fez trabalhos sem flash, apenas fotografando como é o dia a dia do cliente para campanhas.

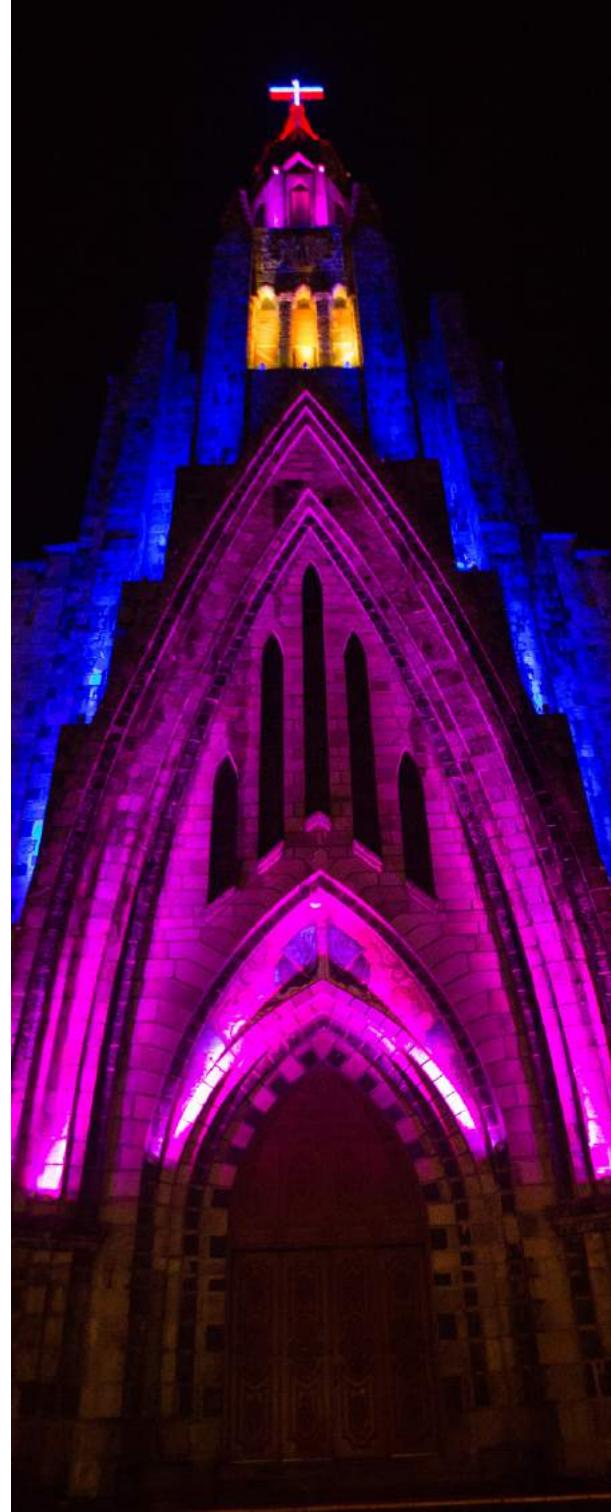
“A mudança principal é que se fotografava verdades absolutas da propaganda. E agora são outras verdades. Migrou pra uma produção de conteúdo, que ainda é mentiroso, travestido de uma verdade da marca. Não sei até onde vai, mas acho que

mais para o fotojornalismo.” Raul Krebs

O fotógrafo ainda destacou como a mudança dos tempos afeta as relações, já que antigamente seu cliente eram as agências de publicidade, e agora o cliente já é o dono da marca, sem ter essa intermediação. Para além disso, agora há um grande protagonismo da tecnologia. “Já tem estúdio que não tem fotógrafo, quem faz as imagens é o cara que faz o 3D.”

Para Raul, uma boa foto publicitária é aquela que entende para quem se destina.

“Boa foto é aquela que conversa com seu público. Só que agora fica muito difícil determinar, porque indivíduo agora é multivíduo. Agora tem que ser uma foto muito aberta a diversas interpretações.



Está incômodo porque está difícil imprimir a nossa linguagem específica.” Raul Krebs.

Por fim, o fotógrafo destacou a importância dos projetos pessoais.

“É bom ter conteúdo pessoal sempre em produção. Quem não fez nada além da publicidade, não tem uma busca pessoal. É um nicho, se eu tiver que apostar em algo, vou apostar em mim de novo, porque há certas agências que contratam fotógrafo por causa da sua vivência pessoal.” Raul Krebs

Morte do fotojornalismo

O domingo amanheceu chuvoso e frio em Canela. Na manhã do pós-festa dos 15 anos do festival, que ocorreu com estilo no Grande Hotel Canela, poucas pessoas se animaram a sair da cama para assistir a palestra “O fotojornalismo após a morte do fotojornalismo”. Na plateia, só os de fé. Esta vem sendo uma constância nos festivais de fotografia que participamos, as palestras nem sempre atingem centenas de pessoas.

E assim fica ainda mais evidente a extrema perseverança dos organizadores desse tipo de evento: além de contar com recursos escassos, às vezes até mesmo inexistentes, também lidam com uma certa apatia da comunidade fotográfica em geral. Isso porque o público nem sempre conhece a importância desses festivais de fotografia, nem a relevância dos fotógrafos de referência para entender a nossa história da fotografia. Referências estas que frequentam esses eventos como palestrantes, ou que trazem importantes nomes e trabalhos que devem ser conhecidos em suas palestras.

Neste ano, o Canela Foto Workshops cobrou uma taxa de R\$ 150 para a participação, valor muito em conta, considerando que incluía o fórum de ideias, as vivências fotográficas, a festa de 15 anos, e ainda o ingresso na palestra do artista Vik Muniz. Valor simbólico, de fato.

Mas quem não participou perdeu debates muito interessantes, além de muito aprendizado, como o que ocorreu nesta excelente palestra que pretendia ser o “velório” do fotojornalismo. A palestra iniciou com o fotojornalista Orlando Brito, que enviou um vídeo para justificar a sua ausência. Nele, afirmou

que o fotojornalismo não morreu, basta entender a importância do trabalho ainda realizado.

O primeiro a falar na mesa foi Edu Simões, fotojornalista desde 1976 e diversas vezes premiado, fez uma ótima retrospectiva sobre esse gênero da fotografia. Ele buscou suas raízes, explicando inclusive de onde surgiu a ideia da morte desse gênero: Fred Ritchin publicou um artigo indicando que o dia exato coincide com a data de morte de Osama Bin Laden. Ao abdicar de exibir imagens do terrorista morto, para evitar que virasse mártir, e também por crer que não faria diferença, os Estados Unidos prescindiram dessa prova que a imagem daria. Então, 2 de maio de 2011 seria a data que o fotojornalismo perdeu o que lhe restava de credibilidade. Edu alegou que não acredita nessa morte, mas que, de fato, nesse momento que a foto deixou de ser prova para um fato, é porque o contexto mudou muito.

Edu não se ateu apenas a fotografia digital para contar a história do fotojornalismo. Ele começou explicando que foi na República de Weimar – como era conhecida a Alemanha no pós Primeira Guerra Mundial, que se têm o nascimento do fotojornalismo, quando Eric Salomão registrou, contra as normas,

um julgamento em Berlim em 1928. Também foi ali que surgiram as primeiras revistas ilustradas, permitindo ao público se apropriar de uma imagem de mundo por meio de suas páginas, já que ainda não existia TV nem outras formas de transmitir o que se via em lugares distantes.

O fotojornalismo como conhecemos nasceria de fato com a cobertura da Guerra Civil Espanhola por Robert Capa – este que foi um personagem inventado por um casal de fotógrafos fugidos da República de Weimar na época da ascensão de Hitler. Depois de descoberto o pseudônimo, Endre Erno Friedmann acaba por assumir para si a identidade que criou junto com Gerda Taro. Ele foi um dos mais importantes fotógrafos de guerra. Ela também foi correspondente, e a primeira mulher a exercer esse papel. Ambos acabaram suas carreiras quando foram mortos em conflitos que cobriam.

Agora, a tecnologia muda a forma como vemos e como usamos a fotografia. Edu trouxe como exemplo os soldados americanos que praticavam torturas no Afeganistão, e registravam isso em imagens: eram os próprios torturadores os fotógrafos. Ou como no caso do assassinato do

ditador do Muammar al-Gaddafi, com assassinos que viraram fotógrafos da cena.

Edu se apoiou em teóricos como Bazin para tecer seus comentários. Para Bazin, na década de 1940, a fotografia era a expressão do realismo. Mas esse mundo novo da fotografia também precisa de uma nova teoria. Para o teórico Godeau, a foto é algo mais amplo, não é uma coisa em si, a veiculação vai dizer o que é a fotografia. Ela é a história dos usos fotográficos. Contrariando Bazin, para quem fotografia era objeto em si.

“Estamos falando aqui da morte do fotojornalismo, mas pra mim é o contrário, só que agora a fotografia fica mais complexa. Ela se liberta daquela visão de que é representação da realidade e se entende com uma linguagem mais complexa, que ficou engessada por muito tempo como a representação da realidade.” Edu Simões



Na palestra, ainda houve muitos exemplos de fotógrafos que exploram essa ideia de que foto é uma visão de mundo, não o mundo. Como Benjamin Lowy, que fotografa de dentro da janela dos blindados americanos no Iraque, deixando a mostra a moldura da janela, evidenciando o forte filtro que existe por trás de qualquer foto considerada jornalística, e a camada que sempre existe entre fotógrafo e retratado. Mostra, assim, a linguagem do fotógrafo e o fazer fotográfico, e discute a foto não mais como linguagem única.

Edu ainda se apoiou no importante teórico Joan Fontcuberta, que alega que a foto não morreu, mas foi substituída – ela não é mais linguagem, e passa a ser língua. Somos consumidores e produtores ao mesmo tempo, o “Homos Fotograficos”. Agora, na pós-fotografia, se quebram esses vínculos com a realidade, e há uma transmutação de valores: a carcaça da fotografia se mantém, mas a sua alma se transforma. Ainda, para Fontcuberta, não se trata de produzir obras, mas de produzir sentido: esse é o papel do artista.

“Eu acho que fotojornalismo não morreu, ele se torna linguagem mais complexa e mais interessante e finalmente vai conseguir dar conta de toda a linguagem fotográfica. Se trata realmente de complexificar a linguagem fotográfica. A gente não sabe como vai ser, os jovens vão ditar agora, mas me considero privilegiado de estar vivendo nesse momento.” Edu Simões

Quem falou depois de Edu Simões na mesa foi Rogério Reis, que começou a trabalhar como fotojornalista na década de 1970 e passou por



diversos dos mais importantes veículos de comunicação do país. O fotógrafo explicou como eram as redações no passado, quando diversos jornais escolhiam a mesma foto para a capa por pensar qual era a que sintetizava o evento.

“Para o futuro, eu acho que está tudo muito interligado, o curador, o editor, fotógrafo. Funcionam numa cadeia de comunicação, onde dá pra perceber que dentro desse regime de valores se procura multiculturalismo, hibridismo e alteridade – falar do outro. Cabe à função artística ser vanguarda das coisas, nesse mundo engessado. Um curador atualizado vai querer saber se a sua obra tem esses três fatores”. Rogério Reis

Já Ricardo Chaves, o Kadão, fotojornalista com carreira de mais de 40 anos, aproveitou as falas de Edu Simões para comentar com a sua opinião depois. Para ele, o que deveria estar em crise é o império, pois a fotografia está mais forte do que nunca. Ele se referia ao episódio da não divulgação da foto de Osama Bin Laden morto – talvez, a não divulgação seja um aprendizado do quanto as fotos da Guerra do Vietnã influenciaram

na opinião pública contra o conflito. “Por isso que não permitiram a divulgação, por aquilo que elas representariam”, afirmou.

“A fotografia sempre foi uma janela, mas já foi maior, agora está pequena, como nas fotos de dentro do blindado. Os fotógrafos embedados [os quais só atuam junto com as tropas regulares do exército, mostrando apenas um lado da guerra] estão ali para limitar sua atuação. Assim, suas fotos não levantam questionamentos da guerra no Iraque, pois são submetidas a censura. Foto da janela do tanque não é a guerra, tem apenas o valor de questionamento.” Kadão

Ainda segundo o fotojornalista, agora as redações de jornais possuem métricas que acompanham quais notícias são tendência na internet, e por aí pautam seus assuntos. Para Kadão, o jornalismo deveria usar um pouco da sua arrogância anterior e ditar o que deve ser destaque como informação relevante.

“O procedimento da imprensa vai decretar a sua falência ao ser subordinado ao mercado. Vai sobreviver o jornalismo mais independente, que faz o que acha que tem que fazer e não o que o público quer.” Kadão



Kadão falou ainda da produção massiva de imagens, que não levam a lugar algum. Pelo contrário: a foto foi atropelada pela tecnologia. Afinal, justamente quando se começava a entender que foto não é uma verdade - um retrato é simultaneamente o que o fotógrafo acha que é, bem como o retratado e o seu leitor - quando se começou o entendimento dessa complexidade, veio a avalanche de produção.

Contudo, Kadão é contra o que ele chamou de “DJ de imagens”, ao se referir a quem pega o que já foi produzido por outros e replica.

“Não vamos atribuir tanta importância ao que não tem. Todo mundo que posta na internet posta seus valores, replica sua identidade. Se alguém junta essas postagens e atribui nova significação, deixando de produzir por si, bem, pode ser um caminho. Detesto esse caminho. Não ao DJ de imagem! Vocês, jovens, peguem a câmera e vão para rua, a vida está na rua e não na tela de um computador, vão entrar em confronto com a realidade, a vida é mais importante que a tecnologia, e a foto é um bom caminho pra vida.” Kadão

Produção Cultural

A última mesa do Fórum de Ideias do Canela Foto Workshops teve como tema “No caminho das artes e produção cultural”, com André Severo, Léo Felipe (Fundação Ecarta), Vera Chaves Barcellos (Fundação Vera Chaves Barcellos e Fundação Bienal do Mercosul) e Clóvis Dariano.

Clóvis Dariano e Vera Chaves Barcellos falaram sobre o importante manifesto do Nervo Óptico, grupo que surgiu em 1977 e que reuniu dez artistas. Ele iniciou suas atividades com reuniões informais debatendo aspectos da arte de vanguarda no Rio Grande do Sul. Esses encontros por fim resultaram em um manifesto, que gerou contradições internas e externas. Internas, pois nem todos os integrantes assinaram, por discordar de algumas propostas. Externas, porque a comunidade entendeu que o grupo ia contra algumas conquistas na área das artes em Porto Alegre, como a criação de um sistema de arte auto-sustentável e institucionalizado. Mas a ideia do grupo era apenas desvincular

a produção artística da demanda do mercado. O Grupo Nervo Óptico apresentou performances, exposições de arte, instalações, projeções audiovisuais e debates. Ainda, editaram publicações em forma de catálogos onde expunham seus trabalhos e também de artistas de fora do grupo. E o nome dessa publicação determinou o nome do grupo, que até então não possuía uma denominação formal. Editaram 13 números dessa publicação com o título de Nervo Óptico.

André Severo falou sobre o seu Projeto Areal, que começou sem pretensões. Em primeiro lugar, o grupo produziu e debateu muito, para depois pensar nas possibilidades. Dessa forma, o coletivo fortaleceu as redes de contato, as formas de financiamento, potencializando as experimentações, dando autonomia e uma gramática aos projetos. Agora, já publicou 15 livros.

Por fim, Léo Felipe explicou o trabalho de curadoria que desenvolve na galeria Ecarta em Porto Alegre. Jornalista, Léo procura criar um espaço de experimentação, ressaltando a arte como experiência não somente a partir da visualidade. Assim, aborda música, performance, quadrinhos. A galeria promove uma itinerância, tentando levar a rua para dentro dela, e procurando expandir a sua experiência para a rua.

Apesar da relevância dos assuntos apresentados na mesa, a sensação que ficou ao fim foi um tanto quanto de divagação. Como não houve um tema claro, não houve diálogo entre os participantes da mesa, pois cada qual fez uma fala muito particular do seu trabalho artístico.

E assim se nota a importância de um mediador, que conduza uma fala a outra, que contextualize quando necessário e que indique ao palestrante as pontas soltas de seu discurso. Tal como o papel representado por Eduardo Bueno, o Peninha, presidente do Canela Instituto de Fotografia e Artes Visuais, tanto na palestra sobre o fotojornalismo quanto na de Vik Muniz. Com bom humor, ele representou muito bem seu papel, fazendo ainda a plateia rir e alfinetando quando necessário, ajudando a discussão a progredir.

Experiências artísticas

Vik Muniz, um dos grandes artistas brasileiros, cuja arte é respeitada mundialmente, palestrou no domingo no Canela Foto Workshops. Ele começou sua fala - de mais de duas horas - comentando justamente sobre a suposta morte da fotografia, e concluindo que, na verdade, agora ela se liberta das amarras do real. Vik também destacou a importância da representação para o ser humano - talvez esta

seja a segunda descoberta mais importante depois do fogo. As pinturas de animais e figuras humanas nas cavernas por meio da arte rupestre comunicou para além do gesto, criou uma convenção visual e permitiu passar conhecimento pra além da nossa vida.

“A foto não morreu, como a pintura não morreu. Uma nova tecnologia não destrói, mas redefine o que é a fotografia. A fotografia nos últimos vinte anos começa a perder a relação factual com a coisas e começa a se olhar pra dentro, uma meta fotografia, tentando se redefinir.” Vik Muniz

Vik também falou sobre como agora, com a edição das imagens, vão se apagando nos retratos rugas e outras marcas de expressão. Daqui a 30 anos, ainda vai ser outro retrato com o rosto igual em todas as fotos.

“O que será da nossa memória? Memória que sobreviva à relação do documento visual. Não há mais receptáculo pra colocar nossa memória, é como se tivesse fita cassete e não tivesse mais onde tocar. Para o artista isso é muito interessante. Estamos continuamente desenvolvendo ferramentas para as pessoas lidarem com a realidade ao redor delas: é isso o que o artista faz.” Vik Muniz

Depois dessa introdução, Vik começou a contar a sua trajetória de vida e a sua carreira. E não é qualquer carreira, e nem um discurso apenas de ego. Vik tem muito o que contar, a sua produção é vasta, bem como são muito diferentes entre si o que ele produziu. Cada série é interessante a seu modo. E a forma como ele fala de si mesmo, de um jeito irônico, ressaltando suas ideias e seus fracassos, deixa claro que ele não procura exaltar seu ego com a sua fala.

Sua história começa quando criança quando, por ser disléxico, tinha sérias dificuldades para aprender a escrever. Quando havia ditados na escola, se não sabia escrever, desenhava. E assim seus desenhos foram ficando cada vez mais complexos. Na faculdade, escolheu fazer publicidade e propaganda. Em uma premiação da área, acabou levando um tiro ao tentar separar uma briga. Com o dinheiro da indenização, conseguiu ir para Nova York, onde começou a trabalhar meio que por acaso com arte. Por lá, começou pintando quadros com pseudônimos nos quais o dono da loja de molduras inventava histórias interessantes para o artista falso da obra.

“Meu trabalho tem muito a ver com ilusão. Simulacro perfeito, não posso recriar como Spielberg em seus filmes, então trabalho do outro lado, na pior recriação possível, que é pra ter a noção do quanto você precisa pra ser enganado. Os próprios



sons que saem da minha boca são significados na sua cabeça. Quanto mais se entende de ilusão, mais se entende da realidade. Tudo que é vivo sabe de alguma coisa. O que distingue a nossa espécie é o acreditar, que só é possível através de modelos, que nós artistas ajudamos a desenvolver.” Vik Muniz

Um dos primeiros trabalhos a ter grande notabilidade de Vik foi a sua série “Crianças de Açúcar”, de 1996. Para esse trabalho, ele parte de fotografias que ele tirou de crianças na ilha de St. Kitts, e reconstrói esses retratos em açúcar. Sua inspiração veio ao perceber que as crianças eram tão felizes, mas seus pais eram sérios. Assim, se questionou o que fazia com que as crianças doces se transformassem em adultos amargos, lembrando-se de um poema de Ferreira Goulart, que afirma que se adoça o café em Ipanema com amargura da vida das pessoas.

Mais tarde, Vik criaria outras obras com materiais inusitados, como chocolate, macarrão e até lixo – esta última virou abertura de uma novela da Rede Globo. Também tem uma coleção de mais de 200 mil fotos antigas que comprou, e com as quais ele diz que aprendeu tudo o que sabe sobre a técnica.

“Todos os álbuns de família são iguais, o que muda são os personagens.” Vik Muniz

Atualmente, o artista continua produzindo, inclusive criando obras de arte a partir de bactérias. Ao fim de sua palestra inspiradora, Vik foi aplaudido de pé pelas mais de 200 pessoas da plateia.

Vivências fotográficas

O sábado trouxe o escambo ao Canela Foto Workshops. Comandado por Hans George, a prática permite a troca de fotografias impressas entre os participantes. No varal, estavam expostas diversas fotos do acervo do FotoEscambo, incluindo grandes nomes da fotografia.

Ainda antes das mesas que compuseram o Fórum de Ideias, o Canela Foto Workshops abriu espaço para as vivências fotográficas na sexta e no sábado, onde o público podia encontrar e conversar com fotógrafos convidados, com nomes como Fernanda Chemale, Ale Ruaro, Kira Luá, Clóvis Dariano, Raul Krebs, Ricardo Kadão Chaves, Leopoldo Plentz.

Apesar de a programação assim ficar mais solta, menos formal e aparentar um esvaziamento, é nas vivências que o público tem a oportunidade de falar, de ter contato com grandes fotógrafos que de outra forma não teria chance. De ouvir histórias e fazer questionamentos sobre as experiências desses fotógrafos de uma forma mais intimista. Como nós, que conversamos assim com Clóvis Dariano e Ale Ruaro.

Dariano nos mostrou um fotolivro que fez com o seu trabalho desde a década de 1970. Suas séries como “Paisagem sobre Paisagem”, “Objetos Inexplicáveis” e “Do Profano ao Sagrado” provam a sua grande capacidade de abstração. Assim, o artista demonstra como vem intervindo em imagens, seja com qual técnica for, de laboratório ou de Photoshop, conferindo não só estética às

suas obras, mas suscitando questionamentos no espectador. Este fotolivro foi dedicado a uma russa que descobriu o trabalho de Dariano a partir de uma leitura de portfólio no FestFoto POA, e o convidou a mostrar o seu trabalho naquele país.

Já o fotógrafo caxiense Ale Ruaro nos mostrou um vídeo que fez sobre o masoquismo, inserindo um olhar de fora a esse universo. Em sua carreira, Ale se dedica a fotografar mulheres nuas de uma forma não sensualizada, como no fotolivro “+18” e “Naked Friends”. Para ele, toda a sua foto se destina a quebrar tabus. Afinal, se tem que saber porque se fotografa, se é por prazer, se é pra comunicar algo, se é pra clicar um botão. Pra ele, é pra quebrar tabus. Ale também contou que fez amizades com masoquistas que fotografou, porque não queria só sugar a “alma fotográfica” deles, mas procurou entender essas pessoas, e assim acabou por perceber como eles são normais no convívio social.

O Canela Foto Workshops também trouxe diversas exposições fotográficas. O “Arte na Cerca” abriu um espaço livre onde os fotógrafos podiam colocar seus trabalhos na cerca em frente ao Grande Hotel Canela e na estrada que conduz ao Hotel Laje de Pedra. Neste ano, trouxe uma retrospectiva dos 15 anos do festival. Também na cerca estava a exposição Matrimonium, de Liliane Giordano e Thayne Andrade. O Casarão do Grande Hotel sediou duas excelentes exposições: uma da mestre Nair Benedicto, chamada “Antologia”, e outra com fotos históricas de casamentos do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, intitulada “Ao pé do altar”. Ainda, ao lado da Igreja Matriz de Canela, as fotografias da convocatória do festival - cujo tema neste ano era casamento - invadiram as janelas do antigo Colégio Auxiliadora, com curadoria do artista André Severo. A Coleção de fotografias do Museu do Trabalho-RS estreou a galeria da Casa Francesa, espaço expositivo que fica aberto o ano inteiro. As obras de Tadeu Vilani, com o título “Olhos do Pampa”, estavam na Caixa Federal. No Teatro Municipal de Canela, ficou em exposição a “Morandi”, com fotos de Fabio

Del Re. A exposição coletiva “Expo Brasilien o Rio Grande do Sul na Alemanha”, com curadoria de Paula Ramos, Eduardo Veras e Manuel da Costa, ocupou um corredor do Grande Hotel Canela. Carlos e Eliane Heuser expuseram “Confinadas”, trabalho selecionado pela convocatória do festival em 2016, na Fundação Cultural de Canela. A Casa de Pedra de Canela sediou a exposição de Kadão, “Força do Tempo”. Por fim, Carlos Eduardo Vaz trouxe “Em Cantos de Porto Alegre” ao Espaço 273.

Conclusão

Não basta apenas olhar para o contemporâneo para entender sobre fotografia. É importante entender o contexto da história. A fotografia social parece ser a grande vertente da fotografia atual, mas os grandes mestres na história da fotografia ainda são lembrados no documental, no fotojornalismo, na publicidade. Afinal, ao retratar o social, como as imagens estão em um

contexto particular, o alcance do trabalho acaba sendo também particular, de relevância para um certo grupo. A fotografia social, ao trazer o contexto de outras áreas como referência na fotografia documental, fotojornalismo ou mesmo na publicidade, amplia o seu leque para o coletivo, e assim a história passa a ser outra.

Estamos olhando para a história da fotografia para determinar os novos caminhos, e para perceber que a profissão fotógrafo não morre aqui porque todo mundo fotografa. Ela revive, ela liberta o fotógrafo de ser obrigado a retratar o real e de seguir uma narrativa linear, podendo agora usar todo o seu potencial criativo e de promover mais reflexões sobre a sociedade, contando histórias a partir de imagens. Esta é a importância de festivais como o Canela Foto Workshops: mais do que discutir a técnica fotográfica, promove uma reflexão filosófica da profissão fotógrafo e do universo da fotografia, elevando a arte e os rumos em questão.





A decorative background on the left side of the page, featuring a mosaic of irregularly shaped tiles in shades of white, grey, red, and blue. A single, bright yellow leaf is placed on the mosaic in the lower-left corner.

Análise - Feiras de Fotografia

Alasul 2017

Logo após o fim do festival de fotografia Canela Foto Workshops, iniciou a feira e congresso de fotografia Alasul, no Hotel Laje de Pedra, nos dias 6 e 7 de junho. A feira, que é parceira do Grupo Fhox, é tradicional na capital gaúcha, e este ano mudou de casa e subiu a serra, entrando em parceria com o festival.

Assim como a Feira Fotografar da Fhox, em março de 2017, tentou unir as tribos da fotografia, a aproximação do festival Canela Foto Workshops com a feira e congresso Alasul dá um passo importante nesse sentido. Desta forma, procura congrega os fotógrafos de diversos âmbitos de atuação, como a publicidade e o fotojornalismo, com os fotógrafos sociais. Contudo, talvez esse seja uma integração a ser construída no porvir, já que pouquíssimas pessoas do festival ficaram para a feira e o congresso. Os públicos ainda não se misturam. Nós sentimos muito as diferenças dos públicos e dos eventos. Na feira e nos congressos, o público costuma ser jovem, bem como os palestrantes, alguns inclusive com menos de 25 anos. Enquanto que, no festival, era difícil encontrar alguém com menos de 35.

Nessa parceria, a Fhox acabou trazendo o Fhox Talks para a Alasul, formato de palestras inspiradas no Ted Talks, no qual os palestrantes têm 30 minutos para falar. Nomes como Fernando Bueno, Tati Itat, Michele Sautner, Iago Lanzetta e Lucas Siewert, entre outros, falaram sobre seus trabalhos. A diretora da Sala de Fotografia, Liliane Giordano, foi a apresentadora das palestras, e ela também falou na quarta-feira sobre projetos fotográficos e a narrativa na fotografia.

O Fhox Talks é uma ótima oportunidade para fotógrafos exibirem seus trabalhos e praticarem a fala em público. Também é excelente para o público, que pode assistir temas muito interessantes, de graça e num formato mais rápido. Contudo, se a Feira Fotografar em São Paulo atrapalhava com seu barulho o Fhox Talks, o mesmo ocorreu na Alasul. Ao inserir as palestras literalmente dentro da feira, a organização aproxima assim o público de passagem, mas o movimento do corredor acaba por atrapalhar quem está sentado para ver as palestras.

A Alasul trouxe ainda importantes workshops, como o “Wedding Challenge – Desafio da Igreja”, que simulou um casamento na Catedral de Pedra de Canela com os fotógrafos Eduardo Vanassi, Lucas Lermen e Lauro Maeda. Os participantes, assim, puderam vivenciar na prática como esses profissionais atuam numa cerimônia, e receberam muitas informações. Este tipo de workshop é excelente para quem está iniciando na área e ainda está aprendendo a técnica, pois ali os ministrantes falam sobre lentes, qual ISO usar, o que fazer e o que evitar.

O Congresso Alasul também ocupou integralmente os dois dias da feira. Nomes como Renato D’Paula, Lauro Maeda, Karim Scharf, Marcio Prestes, Leandro Zandoná, entre outros, palestraram no palco principal, com temas relevantes. O público foi significativo, apesar de entre maio e julho ocorrerem quatro eventos similares na Serra Gaúcha e em Porto Alegre, o que talvez possa prejudicar a assiduidade do público em um e outro. O que ouvimos de algumas pessoas da plateia é uma desmobilização para participar por temer que as palestras sejam as mesmas, o que, às vezes, acaba ocorrendo. Afinal, muitas palestras versam sobre a experiência profissional do palestrante, o que acaba restringindo o leque de assuntos.

Por ser o primeiro ano em uma nova casa, é normal que a Alasul estivesse um pouco diferente do que era em Porto Alegre. O público foi expressivo, mas poderia ser maior, o que é compreensível até devido ao mau tempo – foram dias de muita chuva, neblina e frio.

A decorative mosaic background on the right side of the page, featuring a pattern of irregularly shaped tiles in shades of white, grey, red, and blue.

Aprendemos nos livros de fotografia

“EXPANDIR NOSSA CAPACIDADE DE VER SIGNIFICA
EXPANDIR NOSSA CAPACIDADE DE ENTENDER UMA MENSAGEM
VISUAL, E, O QUE É AINDA MAIS IMPORTANTE, DE CRIAR UMA
MENSAGEM VISUAL.”

Donis DONDIS
Livro “Sintaxe da linguagem visual”

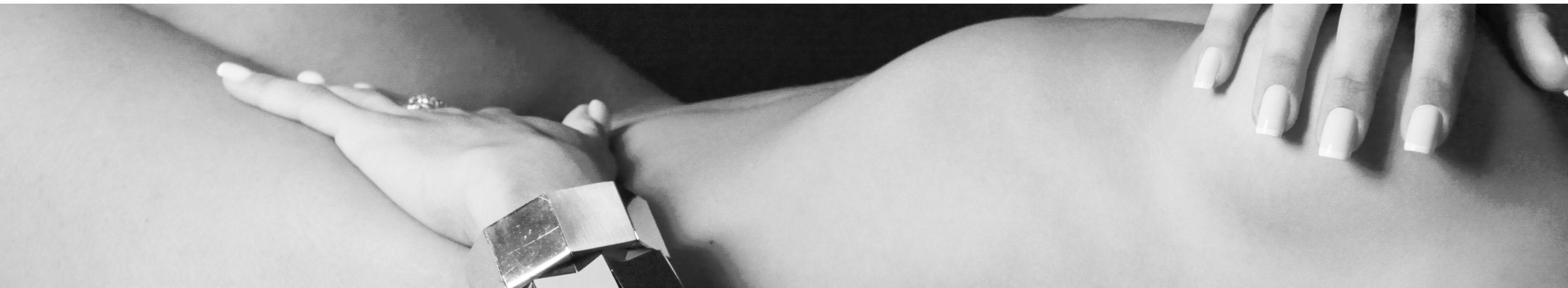
Análise - Congressos de Fotografia

Go image on Stage 2017

Tudo conta para a criatividade de um fotógrafo. Não são apenas as referências do universo fotográfico que devem ser levadas em consideração, mas também filmes, viagens, músicas, ou qualquer outra coisa de seu dia a dia. Mas, ao usar referências fotográficas, deve-se utilizá-las para inspiração, e não para simples reprodução. Essas ideias foram uma constância dos palestrantes do Go Image On Stage.

O evento, promovido pelo laboratório fotográfico de Caxias do Sul no auditório do Hotel Intercity, teve a sua primeira edição entre os dias 16 e 17 de maio. Sucesso de público, a empresa já começa a pensar em uma nova edição para 2018, em espaço ampliado. O valor do ingresso, apenas R\$ 69 que podiam ser revertidos em produtos do laboratório, foi um dos grandes atrativos. O evento contou com 13 palestras ao longo de dois dias intensos.

Confira a análise da Sala de Fotografia sobre o que ocorreu no Go Image on Stage.





Newborn e feminino

A primeira palestra do congresso de fotografia começou com a fala da SIS sobre “Riscos no ensaio newborn e o que fazer para preveni-los”. Muito instrutivo, o discurso das enfermeiras e fotógrafas Camila Calegari Sasako e Gabi Abreu podia inclusive assustar muitos na plateia que ainda não trabalham com fotografia de recém-nascidos. Os perigos são muitos, de fato, como traumas, alergias, e é muito importante que um congresso de fotografia os exponha dessa forma. Gabi e Camila alertaram para o fato de que, no ambiente aquecido necessário para fazer fotos newborn, o bebê pode se desidratar rapidamente. Um dos primeiros sintomas é que a criança então fica sonolenta e fácil de colocar nas posições que os fotógrafos mais gostam. Desta forma, é preciso estar atento ao que ocorre durante todo o período da sessão. Ainda, algumas poses clássicas, como quando o peso da cabeça do bebê fica sobre as mãozinhas, pode deixá-las roxas, sem circulação. Para tanto, é preciso reparar, e fazer massagens, para depois continuar a sessão.

A fotografia newborn é a principal tendência do mercado fotográfico, de fato, conforme a Sala de Fotografia já viu na Feira Fotografar, em São Paulo, no mês de março. Justamente por isso, acreditamos que o debate a respeito desse tipo de fotografia deve ser ampliado. Modas e tendências precisam de conceituação e de questionamentos, para evoluir a técnica com o passar do tempo. Mas, por se tratar de uma moda que pode ser passageira, como será que essas fotos no estilo newborn vão ser vistas no futuro? Esses bebês retratados, quando crescerem, vão gostar

dessas fotos? Será que é uma foto que vai continuar agradando daqui a 20 anos? Além disso, outro questionamento sempre válido é ponderar se os riscos que os bebês podem correr nessas sessões newborn valem a pena. Para minimizá-los, é importante cada vez mais a especialização profissional, e a popularização dos congressos sobre o tema são importantes para esse tipo de educação.

A palestra seguinte mudou um pouco o foco, ao falar sobre “A sensibilidade do Retrato Feminino”. Cris Santoro fez um relato pessoal e emocionado sobre a sua fotografia, que procura ressaltar a beleza da mulher sem sensualizá-la. Cris, que começou a fotografar na adolescência por meio do autorretrato, o que lhe devolveu a autoestima, procura agora mostrar a outras mulheres a sua beleza, tentando não se valer de estereótipos.

“Não posso falar de retrato feminino, sem falar de empoderamento feminino. Qual o nosso papel fotografando mulheres? Vai enaltecer estereótipos? Ou combater? Como? Estou cansada de ver a mulher sendo retratada com o olhar da sexualidade.” Cris Santoro



De fato, a fala de Cris que questiona a perpetuação de estereótipos por meio da fotografia é digna de discussão. E isso não serve apenas para fotografia feminina, mas para todas as formas de fotografia. As imagens são um dos meios mais fortes para se manter a sociedade seguindo sendo do jeito que é, ou para mudá-la. E, para mudar, é necessário que os fotógrafos tomem consciência do que é estereótipo, do que a gente já enxerga como normal. A fala de Cris de que a mulher geralmente é registrada nas fotografias com um ar sensual, e o reforço que a sua beleza vem apenas da sensualidade, sem dúvida jogam luz sobre o fato. É só através da percepção que as coisas podem começar a mudar. Talvez, ela possa ter criado uma dúvida na mente de alguém da plateia que fotografe dessa forma e, por meio desse questionamento, comece a mudar.

Mas quebrar estereótipos nunca é fácil. Em outras palestras sobre newborn no congresso



Go Image on Stage, ressaltou-se a importância de não vestir os bebês de forma que não fique claro se é um menino ou uma menina. É verdade, essa ainda é a sociedade que vivemos – mesmo que o debate da questão de gêneros se torne cada vez mais forte, e a lei de que rosa é pra menina e azul para menino comece a ser questionada. O que vale para o fotógrafo é se questionar, então, como ele poderia sutilmente tentar mudar essa realidade.

Dentro desse questionamento, o filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman fala em uma entrevista disponível online sobre como vivemos em uma sociedade de clichês. Ele diz que:

“Há um filósofo de que gosto muito, que se chama Gilles Deleuze, e ele disse uma coisa que adoro: não vivemos numa civilização da imagem – isso não é verdade –, vivemos numa civilização dos clichês. E nosso trabalho é olhar imagens ou criar



“Tem cliente para todo tipo de fotógrafo. Sou sincero sobre quem eu sou. E não é errado isso, eu procuro pessoas que se identifiquem comigo”. Lucas Lermen.

imagens que desconstruam os clichês. Por isso, interessa-me colocar em relação as imagens entre si através de um recurso constante à ideia da montagem (falando da ideia de narrativa e contexto). O importante é colocar em relação as imagens, porque elas não falam de forma isolada. [...]

Temos que trabalhar para além da pura visão. Temos que trabalhar além da simples informação imediata que pode chegar ao clichê. Porque olhamos também com palavras, e, às vezes, olhamos muito mal. Precisamos tomar o tempo para ver um pouquinho melhor.” Didi-Huberman (entrevista em IHU Online)

Reconexão

Outra ideia que coincide entre os discursos dos palestrantes no Go Image On Stage foi a necessidade do fotógrafo de criar conexões com quem retrata. Cris Santoro foi uma das que enfatizou essa ideia.

“Quero força nas mulheres que fotografo, e quero me enxergar nelas. Porque essa é a minha cura. Uso meus ensaios para me empoderar. O meu olhar é carinhoso, é de respeito. Eu faço questão de me enxergar no outro. Enxergar nela além do que o retrato está dizendo”. Cris Santoro

Em uma perspectiva mais mercadológica, Eduardo Vanassi falou em sua palestra sobre os benefícios de se conectar com o cliente.

“Se você fizer de uma sessão de fotos uma tarde bacana, você se liga ao lado emocional de um casal, por exemplo. E ele confia mais em ti”. Eduardo Vanassi

Eduardo falou ao lado do irmão Gustavo sobre “O passo a passo para a venda perfeita”. Além de dar dicas de como conquistar mais clientes e fechar contratos, os Vanassi falaram sobre o seu projeto, o Fotologia Podcast, com áudios nos quais eles entrevistam diversas pessoas e discutem diversos assuntos sobre fotografia.

O fotógrafo Lucas Lermen, em sua palestra intitulada “Desconstrução”, afirmou que procura clientes que se identifiquem com seu estilo fotográfico.

A essência da palestra de Lucas foi sobre a importância das referências, de que é mais importante ser feliz do que ter pressa. Ele falou de suas experiências profissionais como uma forma de argumentar, compondo assim uma palestra motivacional, mas sem ser exageradamente emocional.

Lucas começou contando que sua palestra seria sobre os erros que cometeu, sobre o que ninguém te conta no início de carreira, para que a plateia não cometesse

“Hoje entendo que é vazio quem não tem bagagem de outros assuntos. Quem tem conhecimento geral se torna pessoa mais interessante, e por consequência fotógrafo mais interessante”. Lucas Lermen



os mesmos erros que ele. Contou que aprendeu que fotógrafo precisa estudar muitos outros assuntos, não só sobre fotografia. Deu exemplos de que ele lê sobre filosofia, vê muito cinema, música, culinária, desing.

Ainda sobre referências, o palestrante afirmou para se ter cuidado com o que se vê. Se alguém fica preso a olhar fotos dos concorrentes o tempo todo, e acha aquilo ruim, pode acabar por produzir algo pior ainda.

“Referência não é cópia, mas inspiração. Não é olhar um catálogo e tentar fazer igual. Referência é consumir muito, e depois misturar com o que acredito para criar”.

Nesse sentido, Lucas deu o mesmo conselho que depois daria em sua palestra o publicitário Celso Modeneze, que falou sobre “Criatividade e produtividade no design de álbuns”.

“Nada mais que se cria é original, é sempre uma junção de elementos. É ver um fotógrafo que você gosta, depois ver mais, e juntar isso e criar algo seu”. Celso Modeneze

Ainda sobre a palestra de Lucas, ele contou que precisou se reinventar devido a crise, justamente em um período que acreditava já ter consolidado a sua carreira. Isso fez com enxergasse o valor de um período difícil, já que utilizou essa oportunidade para desapegar de tudo o que não importava no trabalho e na vida.

“Em 2016, precisei pensar em me reinventar. Espero que possa me reinventar inúmeras vezes. Afinal, é por isso que faço foto, para não fazer sempre o mesmo pro resto da vida”. Lucas Lermen

O palestrante ainda explicou que sair da zona de conforto o transforma em um fotógrafo mais completo. Além disso, aprendeu que momentos nos quais se diverte são tão importantes quanto o que está estudando sobre fotografia.



Assim, poderá chegar para os eventos que fotografa mais tranquilo e calmo, aproveitando melhor os momentos. Para Lucas, conhecer a si mesmo é fundamental para o seu trabalho.

“Toda foto é um autorretrato. Se é assim, quais são as suas referências? Não só de fotógrafos, mas de amor, de vida, de família. [...] Quanto mais sei quem eu sou, mais sei o que faz sentido no meu trabalho”. Lucas Lermen

Na palestra “Composição e criatividade na fotografia newborn”, a fotógrafa Cris Dal Cero também falou de encontrar a si mesmo.

“Se não entendermos nossa essência, não vamos conseguir imprimir nossas características em nossas fotos. Na ânsia de fazer diferente, fazemos coisas cada vez mais iguais”. Cris Dal Cero

Da mesma forma, o fotógrafo Robison Kunz, cujo tema da palestra foi “Qual o próximo passo?”, explicou que é preciso entender a mensagem que se quer transmitir.

“É preciso ter uma mensagem a transmitir com a sua foto, depois de aprender a técnica”. Robison Kunz



Conclusão

O Go Image on Stage ainda trouxe outras palestras, como a de Luciano Potter, conhecido comunicador que compõe o programa de rádio Pretinho Básico. Mais do que fazer a plateia rir, Potter fez ela refletir sobre os processos de mudança, e a necessidade de se reinventar. O congresso também contou com as palestras de Vivi Tomas, falando sobre fotografia de família; Letícia Wolff, que contou sua trajetória para ensaios criativos; e Mucio e Jocieldes, que ressaltaram a importância do aprendizado, e não da cópia, ao participar de workshops.

O evento promovido pela Go Image acertou ao trazer palestrantes que reforçaram a importância das referências, e de como essas referências precisam servir como base para se criar um caminho próprio, e não servir de cópia. Apesar da proliferação de congressos e eventos de fotografia, se percebe que é cada vez mais necessário que os fotógrafos busquem qualificação. E a Go Image traz essa onda de eventos fotográficos a Caxias do Sul, com preços acessíveis, permitindo que muitos profissionais da região, que não querem ou não podem se deslocar a capitais, tenham acesso a essa educação.

Talvez, o que poderia ser pensado nos eventos futuros é uma diversidade ainda maior de temas e de discussões sobre a fotografia também em um âmbito filosófico e teórico, para além do comercial. Há que se entender mais sobre o contexto e a história da fotografia, para além das tendências e da moda que vigora. Pois cada vez mais é necessário se investir em educação visual. Fomos educados a ler e escrever com o estímulo e a prática das palavras e não a ler e entender sobre imagens. Portanto, eventos como esse da Go Image podem contribuir para a busca por aprender a ler e entender sobre imagens. O tempo é de reflexão sobre o processo e o sentido das imagens fotográficas.

Aprendemos nos livros de fotografia

“POR MEIO DE FOTOS, CADA FAMÍLIA CONSTRÓI UMA CRÔNICA VISUAL DE SI MESMA – UM CONJUNTO PORTÁTIL DE IMAGENS QUE DÁ TESTEMUNHO DA SUA COESÃO. POUCO IMPORTAM AS ATIVIDADES FOTOGRAFADAS, CONTANTO QUE AS FOTOS SEJAM TIRADAS E ESTIMADAS. A FOTOGRAFIA SE TORNA UM RITO DA VIDA EM FAMÍLIA EXATAMENTE QUANDO, NOS PAÍSES EM INDUSTRIALIZAÇÃO NA EUROPA E NA AMÉRICA, A PRÓPRIA INSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA COMEÇA A SOFRER UMA REFORMULAÇÃO RADICAL. [...] UM ÁLBUM DE FOTOS DE FAMÍLIA É, EM GERAL, UM ÁLBUM SOBRE A FAMÍLIA AMPLIADA – E, MUITAS VEZES, TUDO O QUE DELA RESTA.”

Susan SONTAG, Livro “Sobre fotografia”

Carta aberta

10ª Semana da Fotografia de Caxias do Sul

Neste ano de 2017, a Semana da Fotografia de Caxias do Sul celebrou a sua décima edição. São muitas histórias nestes 10 anos. Muitos nomes importantes da fotografia nacional visitaram a cidade por causa do evento. Também é por causa dele que lembramos de nossos fotógrafos mais importantes, abrimos os arquivos e expomos os seus registros históricos. É por causa da Semana que tivemos uma câmara obscura na qual as pessoas podiam entrar e observar o processo ótico, feita de uma caixa de madeira. Tivemos saídas fotográficas noturnas, oficinas de lighth paint, pinlux, fotografia criativa. Sim, é por causa da Semana que tivemos isso e aquilo. Apesar de ser sempre uma incógnita a sua realização, ela nunca deixou de ser realizada. E assim ela chegou nesta edição fortalecida, com expressivo destaque na mídia local e com ampla participação do público nas atividades.

Mas essas são as histórias da Semana da Fotografia, do evento em si. O que queremos destacar é a história humana por trás da Semana. Pois falar apenas do evento faz parecer que ele se constrói sozinho, que brota da terra ou se materializa no ar. Não. A Semana se faz de um esforço de pessoas, se faz do individual ou do coletivo. As histórias que constroem os alicerces sólidos da Semana da Fotografia são, ainda, as intangíveis, as que acontecem nos bastidores e que não estão sob os holofotes.

O evento é uma realização da Prefeitura de Caxias do Sul, por meio da Secretaria Municipal da Cultura, com o apoio de instituições. Mas também não é das instituições, organizações, ou prefeitura que queremos falar. Queremos citar os indivíduos, as pessoas, a alma humana que é a força motora deste evento. Ao longo desta década, muitas pessoas se envolveram com a Semana da Fotografia, é verdade. Algumas de passagem, algumas por umas edições. Mas não podemos esquecer de destacar alguns nomes que sustentaram o evento ao longo de todos esses anos e atuaram diretamente na sua organização, que estiveram na linha de frente, lutando para a sua realização, mesmo quando não havia verba alguma. São estes os nomes que a fotografia caxiense precisa lembrar, pois tiveram



uma contribuição importante para a Semana da Fotografia e, conseqüentemente, para a arte de captar imagens na cidade: Adriano Soldatelli, Antonio Feldmann, Carine Turelly, Carlos Gandara, Conrado Heoli, Elenira Prux, João Tonus, Liliana Henrich, Liliane Giordano, Marcia Dall'Ago, Marizete Raimann, Marta Slomp, René Rossi, Rubia Frizzo e Susana Storchi. E, mais recentemente, Adriana Antunes, Ludmila Zan, Marcelle Monteiro e Mona Carvalho.

A dedicação destes nomes que citamos é intangível. Quem acompanha o evento nos bastidores sabe que há uma doação pessoal, um interesse que vai além de carreira, de dever, de fama, de dinheiro na realização da Semana da Fotografia de Caxias do Sul. Quem a realiza a realiza mais do que por amor a arte fotográfica. O faz por um espírito comunitário, de entregar algo a sociedade, de perpetuar a educação no município. De não apenas sentar e esperar que as coisas sejam feitas a partir de comentários nossos, mas que de fato arregaçam as mangas e fazem algo pelo coletivo, por algo que seja maior do que si mesmos.

Um marco importante da história da Semana da Fotografia ocorreu nesta décima edição. Na busca pela sua constante realização, neste ano buscou-se o apoio da Câmara de Vereadores, por meio do vereador Alberto Meneguzzi. Agora, a Semana da Fotografia é um projeto de lei que, se aprovado, vai fazer com que o evento faça parte do calendário oficial de Caxias, o que garante a sua realização.

De qualquer forma, o que importa é celebrar a arte da fotografia que, mais do que uma paixão para todos nós, é uma área fundamental da comunicação e do conhecimento humanos, merecendo, portanto, todos os esforços de educação da comunidade neste sentido. E, ao fim, o que nos resta é agradecer a cada um que se doou um pouco para a realização deste evento.



Aprendemos nos livros de fotografia

“FOTOGRAFAR E DIALOGAR
CONVERGEM, AQUI, PARA A PESQUISA
HESITANTE, SEMPRE SINGULAR, DA
DISTÂNCIA CONVENIENTE COM O
OUTRO. CONSTRUIR UMA PROXIMIDADE
E UMA TROCA, ALÉM DAS DIFERENÇAS
E A PARTIR DELAS; ENRIQUECER-SE
DAS DISPARIDADES; ADAPTAR SEUS
MÉTODOS E SEUS RITMOS AOS DO
OUTRO, SÃO ESSES OS PRINCIPAIS
ELEMENTOS DE UMA FOTOGRAFIA
DIALÓGICA.”

André ROUILLÉ. A fotografia: entre documento e arte contemporânea.

Exposição fotográfica

Salientes

por Liliane Giordano

A exposição fotográfica Salientes, de Liliane Giordano, traz um olhar de integração e convergência entre a natureza, o corpo humano e as relações pessoais. A interligação e interação que compõem as fotografias se assemelham às células humanas e a comunicação em rede entre as pessoas.

Hoje, tudo é externo. E estamos em um momento em que as pessoas estão vivendo mais internamente. Elas têm menos relações com o mundo. E essa é a analogia que as fotografias fazem: dos espinhos, de algo rude, indelicado, surge uma flor, uma cor, uma inspiração.

Nessa exposição, há uma busca para transmitir a sensação de toque. Na foto, através do olhar, explorar e mostrar outros sentidos.











Análise - Festivais de Fotografia

Paraty em Foco 2017

Respeitar o tempo, ir fundo para produzir imagens com sabedoria, sensibilidade e sentimento. Viver e desfrutar do processo, estabelecer relações e transformar emoções. Isso foi um pouco do que a Sala de Fotografia aprendeu nos cinco dias de imersão no 13º Festival Internacional de Fotografia Paraty em Foco, que ocorreu entre os dias 13 a 17 de setembro de 2017, na fotogênica cidade do Rio de Janeiro que dá nome ao evento.

Pela primeira vez em festivais de fotografia no Brasil, a maioria dos participantes era de mulheres, representando 77% do total – dados da página do Facebook do grupo Fotógrafas Brasileiras. Aliás, Wania Corredo, Milla Dantas e Simone Marinho falaram sobre a ideia do grupo em uma mesa na quinta à tarde no festival. A iniciativa nasceu com uma foto coletiva com 134 fotógrafas no Rio de Janeiro, a partir da ideia da fotojornalista Wania Corredo de reencontrar colegas da profissão. Agora, elas se unem com objetivos culturais e sociais, conectando as profissionais da imagem.

Mas antes dessa mesa muito já tinha acontecido na programação do Paraty em Foco 2017. Confira como foram as mesas.

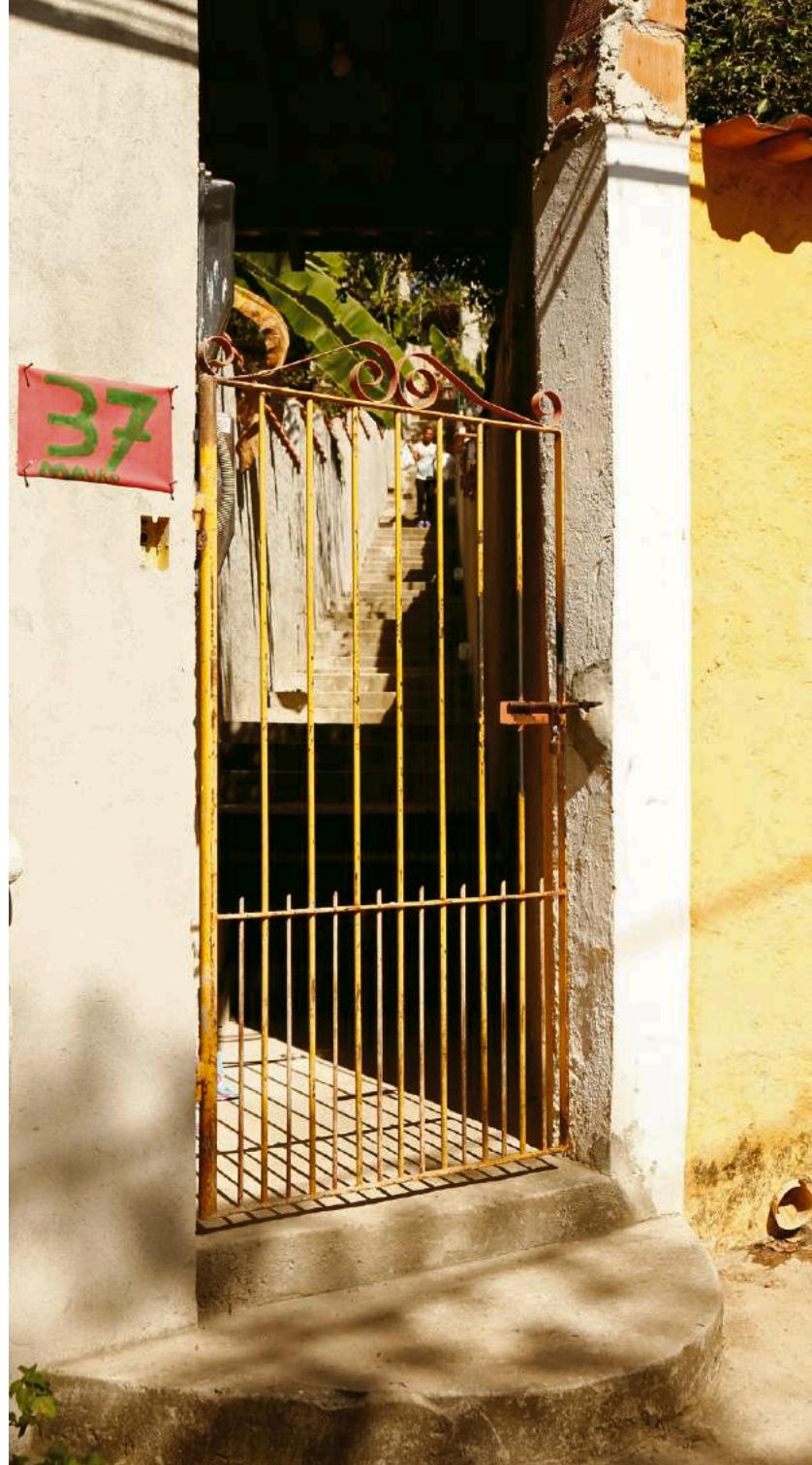
Primeiras mesas

A abertura do festival fez uma homenagem a um dos mestres da fotografia brasileira, Flavio Damm, que foi entrevistado por Pedro Karp Vasquez. Flavio completa 90 anos em dezembro deste ano, com 77 destes dedicados a fotografia, contando com mais de 65 mil negativos em seu acervo e tendo publicado mais de 24 livros. Ao longo de sua fala, o fotógrafo contou muitas passagens de sua vida e de sua profissão, fazendo uma apresentação de seu trabalho – o que foi uma constante no Paraty em Foco. Ele dedicou sua vida ao fotojornalismo, e assim presenciou grandes momentos históricos e fotografou grandes personalidades.

“É preciso estar atento e equipado para a fotografia de rua. [...] Quero sentir o cheiro da pessoa que estou fotografando. Por isso fotografo com lente normal, o que meu olho vê”. Flavio Damm

A tarde do segundo dia de festival trouxe a mesa “Foto-documentarismo: Razão e Sensibilidade”, com André Cypriano, entrevistado por Fernando de Tacca. André apresentou seu trabalho geminal, “O caldeirão do diabo” – que documenta onde nasceu a facção criminosa Comando Vermelho. Este trabalho fecundou outros de seus projetos. Com uma fala simples e humana, ele relatou como conseguiu registrar os grandes chefes do Comando Vermelho e até hoje mantém uma relação amistosa nas favelas do Rio de Janeiro, podendo transitar e fotografar nesses locais, que são proibidos à maioria.

“Vou em busca do desconhecido, e a câmera é o instrumento que me possibilita isso”. André Cypriano



O mediador Fernando de Tacca destacou que a razão e a sensibilidade é o grande salto da antropologia contemporânea.

“O encontro com o outro é o que também me modifica – um processo de negociação da imagem”. Fernando de Tacca

André destacou ainda, dentre as dificuldades de seu trabalho, o problema de território e as resistências culturais.

A mesa seguinte da quinta-feira do Paraty em Foco trouxe o tema “Mostrar, Emocionar, Envolver”, com Nana Moraes e Kitty Paranaçu, entrevistadas por Pedro Karp Vasquez. Nana contou sobre seu projeto em fotografia com presidiárias, no qual tirava fotos das detentas e levava para seus familiares, e vice-versa. Antes disso, ela tinha feito fotos de prostitutas, que costumavam alegar que pelo menos não eram bandidas, e assim surgiu a ideia para a continuação do projeto de mulheres excluídas: dar voz e um rosto a quem geralmente não tem espaço na sociedade. Ressaltou ainda, em sua fala, a difícil condição dessas presidiárias, que costuma ser mais complicada do que de homens detentos – esses, pelo menos, recebem visitas das esposas, das famílias.

“Quando se vai fotografar, é preciso entender o universo para entrar na intimidade e subjetividade delas. [...] Mergulho no universo, depois penso como retratar. Você não pode se satisfazer, a dúvida é saudável e te motiva a ir mais fundo”. Nana Moraes

Kitty Paranaçu falou sobre o seu projeto “Copacabana”, no qual fotografa quem mora nessa paisagem, e como é essa paisagem na casa das pessoas.

“Para se fazer um retrato, tem que se ter uma relação com esse outro”. Kitty Paranaguá

Kitty acrescentou que Copacabana é um projeto de vida, um lugar no qual ela vai para pensar e observar a vida.

Guerra Civil Espanhola

Antonio Anson, que trabalha a relação da literatura com a fotografia em alguns de seus livros, falou sobre “Guerra civil, ditadura, memória histórica, transição política” na sexta-feira do Paraty em Foco, conteúdo este que vai estar em seu novo livro. O espanhol foi entrevistado por Fernando de Tacca.

“Quando se escreve, quando se fazem fotografias, gostemos ou não, estamos fazendo também política”. Antonio Anson

Nesta sua nova publicação, ele estuda a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939), avaliando como ela está presente ou não na história da fotografia contemporânea, já que a guerra e suas consequências – quase meio século de ditadura militar – não tinha alusão ou explicação nas histórias da fotografia espanhola em certo período. Para ele, às vezes, o silêncio é mais eloquente até do que a palavra.

“É interessante como a história e a política condicionam as opções estéticas e decisões que a arte toma em um sentido ou outro. Não falo de arte política, mas de como circunstâncias históricas podem condicionar as decisões que artistas tomam na hora de orientar seu trabalho”. Antonio Anson





“A fotografia muda a estrutura fundamental da memória. A memória deixa de ser um exercício intelectual, para converter-se em um exercício visual.” Antonio Anson

O espanhol dividiu sua apresentação falando de pais, filhos e netos, para mostrar como cada geração retratou a guerra. Para os pais, a guerra era invisível, e eles retratavam cenas do cotidiano – eles nem se consideravam fotógrafos, tinham outras profissões. Já os filhos tem uma estética mais vinculada a arte do que a fotografia documental. E os netos tratam de explorar as memórias de seus avós, memórias que não são suas, mas que eles retomam a partir de arquivos. Neste sentido, ele destaca dois fotógrafos, Javier Marquerie e Ricard Martinez, com projetos individuais e diferentes, mas que em essência buscam fotos antigas de Barcelona durante a guerra e as exibem em contraste com lugares que hoje estão restaurados e de uso da população, relembrando as pessoas das cenas terríveis que ali aconteceram em outra época.

Anson também cita Joan Fontcuberta, um dos grandes intelectuais da fotografia e, segundo ele, o artista mais internacional deste momento na Espanha. Ele explicou que Fontcuberta é apocalíptico, crê que as fotografias que vemos em festivais como o Paraty já morreram, e que prega uma reciclagem da foto, ou eco fotografia, retomando o que já foi feito.

Espectáculo e surrealismo

A tarde da sexta-feira trouxe Emídio Luisi, um dos mais importantes fotógrafos de espetáculo do Brasil, para falar na mesa “Jogo de Cena”, entrevistado por Érico Elias. Emídio afirma que sua matéria-prima é a emoção, já que dela surgem todos os elementos que nos interligam ao abstrato e à arte.

“Você pode fazer a sua arte, mas tem que respeitar a arte do outro. O ato de criar quando se tem um dever artístico é um sacerdócio, tem que se ter princípios”. Emídio Luisi

Emídio nos conduziu à emoção a partir de seus registros dos movimentos da dança e do teatro nos quais se destacam a relação de luz e sombra.

A tarde de sexta trouxe uma das convidadas que mais relação tinha com o tema do festival neste ano, que era “Fotografia: Documento e ficção”, e pretendeu incitar a discussão da ambiguidade fundamental da técnica fotográfica, que, ao mesmo tempo que retrata o real, também é plataforma para criar novos universos, contextos e possibilidades.

A francesa Maia Flore falou sobre “A mecânica do fantástico”, entrevistada por Joaquim Paiva. Ela apresentou a linha do tempo de seu trabalho, no qual transparece

“Até que ponto uma imagem é capaz de dizer e de contar por si mesma sem ajuda de um apoio documental textual? Em uma fotografia podemos fazer dizer o que queremos que se diga, incluindo fazer dizer coisas contraditórias. Me preocupa, porque a relação da imagem com texto é complexa e, em muitos casos, difícil. [...] Deixo aberta a pergunta sobre fotografia e sua capacidade para transmitir uma mensagem, codificá-la e limitá-la.” Antonio Anson

o sonho e a fantasia em suas fotografias, em um mundo fabricado, com narrativas surrealistas. Em sua fala, ressaltou as relações que estabeleceu com os lugares e como usa o corpo como uma performance - Maia aparece em suas próprias fotos, mas não vê este trabalho como autorretrato, e sim o corpo como objeto. Ainda, declarou que não acredita que é fotógrafa, apenas usa a fotografia como uma linguagem.

Falando em sua língua materna, ela teve tradução simultânea, com a tradutora no palco mesmo, falando após Maia, tal como aconteceu em outras mesas internacionais do festival. É compreensível. Contudo, isso atrapalha muito a fluência da palestra, pois é interrompida a cada poucas frases para a tradução. E, para quem entende o idioma estrangeiro que está sendo falado, prejudica ainda mais, por repetir e demandar tempo.

Homenagem

A sexta à noite do Paraty em Foco trouxe uma homenagem a Walter Firmo, um dos mais importantes autores a trabalhar com foto em cor no Brasil. Walter celebrou com toda a sua energia no palco seus 80 anos de vida e 60 de carreira, contando muitas histórias. Ele dividiu a mesa “Aprendiz e feiticeiro” com Jacqueline Hoofendy, que já foi sua assistente, e Nilo Blazetto, com Paulo Marcos de M. Lima. Dentro da provocação de fotografia ser documento ou ficção, Walter afirmou que o seu trabalho é documental, mas muito mais ficção, dentro das cores que utiliza. “A

vida é direcional, a luz, a cor, a linha do horizonte”, afirmou. A discussão na mesa continuou, falando sobre a produção fotográfica atual no Brasil, no qual os convidados da mesa deram suas contribuições.

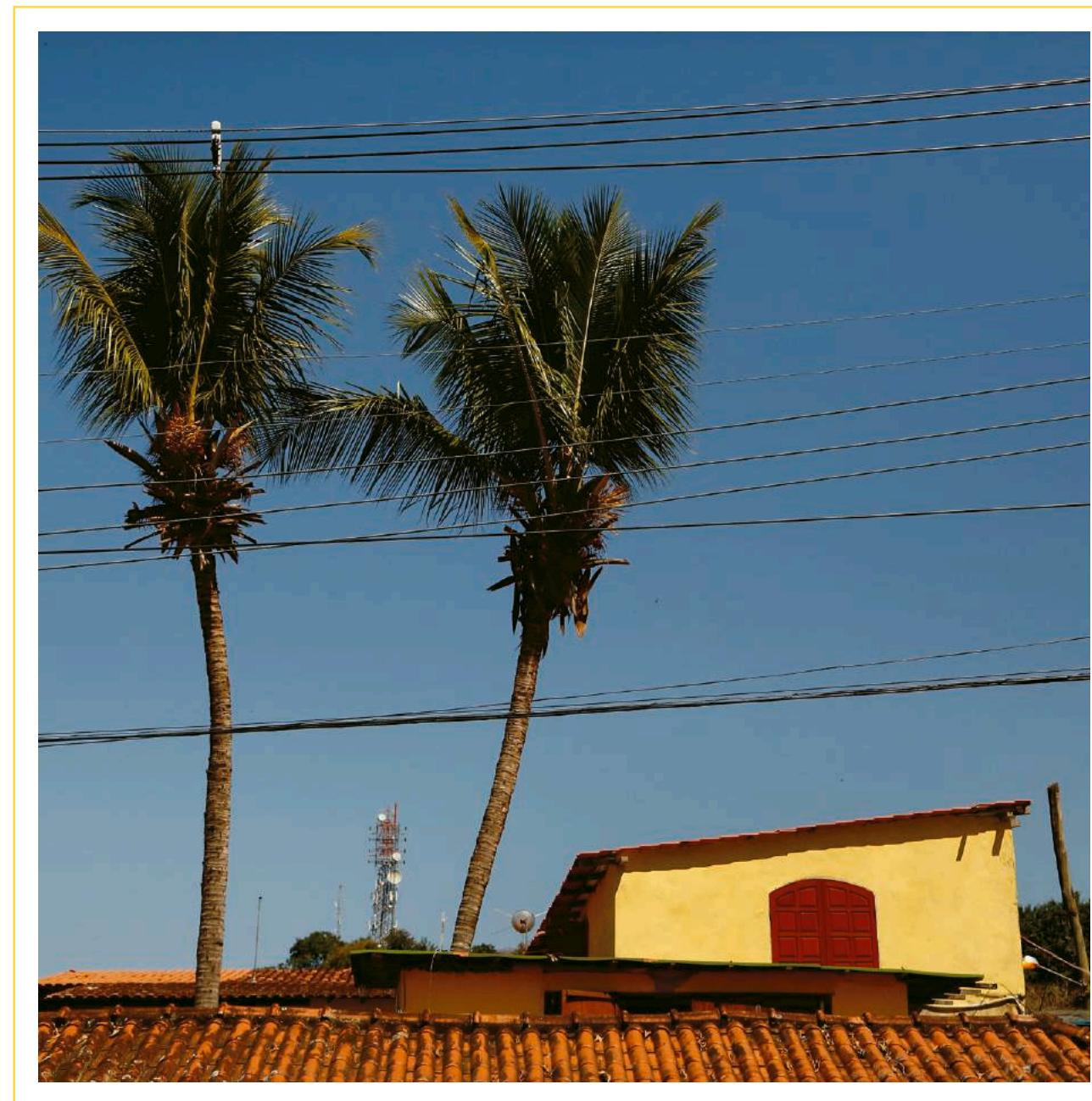
“Sobra imediatismo na fotografia, fama imediata. Mas falta a paciência de esperar, de construir. Falta calma, pé no chão. A fotografia é a arte de construir histórias”. Nilo Blazetto

“O processo é lento, tem que criar critério, não se processa sem critérios, pois assim faz com que as coisas se combinem. Menos pressa e mais critérios. Se afaste da sua produção com um olhar mais crítico. Aceite críticas”. Jacqueline Hoofendy

Confronto de Olhares

O sábado amanheceu no Paraty em Foco com Guillermo Franco e Jorge Luis Santos, com Antonio Anson, falando sobre “Confronto de Olhares”.

O argentino Guillermo Franco falou em





seu discurso em um nível de discussão mais filosófico sobre a fotografia. Ele citou alguns grandes nomes da fotografia, e fez colocações suas sobre as assertivas deles. Começando por William Klein, para quem, se vemos uma foto, vemos alguns centésimos de segundos da vida daquele fotógrafo. Mas Guillermo afirma não concordar.

“Não só abrimos a câmera por um centésimo de segundo, mas colocamos muitas coisas nossas, sabedorias, sensibilidades, sentimentos, tudo o que temos desde o dia que nascemos”. Guillermo Franco

Ao invés disso, Guillermo se atém a um conceito de um fotógrafo francês, que acredita que o tempo que se leva para fazer uma fotografia é toda a sua idade, desde que nasceu.

“A fotografia não se termina no clique. Pelo contrário. A partir desse momento se inicia um período que não sabemos quando vai terminar,

no qual primeiro pensamos no que fizemos, refletimos sobre. Depois revelamos, selecionamos, editamos, as mostramos, as publicamos”. Guillermo Franco

Por fim, Guillermo citou o fotógrafo checo Josef Koudelka, que costumava imprimir suas fotos num formato pequeno, e colar por toda a casa, para olhar e rever. Quando questionado sobre o que era uma boa fotografia, Koudelka afirma que são fotos com as quais se pode conviver. Desta forma, Guillermo encerrou sua fala, afirmando que iria a partir dali mostrar seu trabalho fotográfico, sem dizer se eram boas ou ruins, apenas dizendo que ele podia conviver com elas.

Logo após, Jorge Luis Santos apresentou o seu trabalho, em um dos quais, ganhador da convocatória do festival Paraty em Foco 2015, faz colagens com diferentes fotografias, compondo diferentes obras. Para ele, esse trabalho não representa fotografias diretas, e nem o interessa que assim seja, pois quer que sejam uma construção, uma série de elementos.

O mediador Antonio Anson retomou a discussão da mesa, ao afirmar que a fotografia tem muito a ver com movimento: não haveria tragédia maior para um fotógrafo do que deixar de caminhar, pois a partir desse momento, deixaria de fazer fotografia. Afinal, fotografia é um ato muito físico, é como uma

mulher que dança.

Guillermo acrescentou ainda, durante a discussão, que existe uma diferença entre ver e olhar. Ver é mais fácil, é uma prática, e olhar é simbólico. Enquanto com o ver somente percebemos o visível, com o olhar podemos perceber o invisível. E assim ele fotografa por intuição, o que é uma forma válida de conhecimento. Desta forma, ele não aceita vender suas fotografias, pois elas são o seu conhecimento.

Perseverança

O fotógrafo espanhol Sebastian Liste apresentou seu trabalho na mesa “Na linha de tiro”, com Joaquim Paiva, no sábado à tarde do festival. Sebastian tem uma fotografia muito forte e impactante de diferentes realidades sociais, retratando comunidades carentes. O fotógrafo estudou antropologia e sociologia para aplicar em sua fotografia.

“Considero que sou contador de histórias visuais. [...] Gosto de fotografia, mas só a imagem era muito fraco para mim, gosto de bater fotos interessantes, mas acho que o mais importante da fotografia é fazer as conexões entre temas, entre uma obsessão – fotógrafos são muito obsessivos”. Sebastian Liste

O fotógrafo passou oito anos na Bahia retratando



uma única história. Ao ser questionado por Joaquim Paiva se ele pensava em mudar o mundo com sua fotografia, Sebastian respondeu que quando começou até pensava isso, mas agora percebe que a sua fotografia tem o poder de fazer pressão na sociedade e de amplificar a voz da gente sobre a qual ele está falando.

“Acredito muito no poder da fotografia ainda nesta sociedade. Mesmo que tudo esteja mudando, mesmo que existam muitas formas de contar essa história. Eu acredito, até porque trabalho com projetos de longo prazo, tem que acreditar, ou está desperdiçando sua vida, pois fica muito tempo nessas histórias, e é um desgaste emocional ficar nesses mundos”. Sebastian Liste

O espanhol ainda afirmou que é importante aprender as questões técnicas da fotografia, para depois esquecê-las e poder contar histórias.

No sábado à noite, a fotógrafa americana Jane Evelyn falou na mesa “Isso concerne a você – mesa Fotografe Melhor”, entrevistada por Sergio Branco. Jane retrata em sua fotografia a vida cotidiana. Ela explicou que seu trabalho foi baseado em amplificar a voz das histórias para não ficar apenas em uma direção.

“Uma das coisas importantes é não somente contar histórias, mas como tratar as histórias. [...] Quando se tem uma pauta, tem-

se uma pressão, mas o importante é poder viver e desfrutar do processo. Estabele-se uma relação, e assim as emoções vão mudando. A mesma fotografia pode transmitir o amor, a beleza.” Jane Evelyn

A fotógrafa ressaltou ainda que é necessário ir fundo em qualquer projeto para produzir de forma real.

Conclusão

Já havíamos participado do festival Paraty em Foco em 2015, e neste ano notamos algumas mudanças. Todas as palestras nesta edição eram pagas, no valor de R\$ 20, e ocuparam a Casa da Cultura. Em 2015, as palestras eram gratuitas, e ocorreram sempre na tenda montada na praça principal de Paraty. A mudança de local foi bem-vinda: com o calor que faz na cidade, o ar condicionado da Casa da Cultura é essencial. A cobrança de valores se deu a dificuldade de patrocínio com a qual o festival se depara. A cobrança também é uma boa ideia: para quem paga, não é um valor alto, mas faz toda a diferença para a viabilidade do evento. Com o pagamento, tivemos a impressão, inclusive, que o público foi mais fidedigno do que na edição de dois anos atrás.

O nível da convocatória do festival também acabou elevado, a partir deste ano, pois também exigiu o pagamento para participação. Conforme vimos na mesa que abriu a quinta-feira no festival, “Festivais de



Fotografia: Resistir é preciso”, com Giancarlo Mecarelli, Érico Elias e Paulo Marcos de M. Lima, o pagamento parece ter feito com que os participantes pensassem melhor antes de enviar os seus trabalhos, aumentando a qualidade do que foi enviado.

O tema do festival teve uma boa escolha, pois de fato é preciso discutir a ideia maravilhosa de que a fotografia é ao mesmo tempo, imagem-documento e produção artística – tal como afirmamos em nosso texto no portal Fhox. Ao mesmo tempo que pode provar a existência de algo, sendo precisa como a ciência, há uma dicotomia que a transforma também em um objeto inexistente da esfera da arte, conforme afirma Francesca Allinovi no livro “La Fotografia. Illusione o Rivelazione?”. O caráter ambíguo da fotografia a aponta como vestígio do real (portanto indiciária) afirmando assim a existência, mas por ser representação, ela cria uma ficção. Há que se ter em mente que uma imagem representa o mundo, mas não é exatamente o mundo.

No transcórre de festivais de fotografia, como o Paraty em Foco, é sempre importante que se aprofundem filosoficamente os temas definidos, que se provoquem discussões e interações entre os participantes das mesas. As palestras, em termos gerais, versaram mais sobre o trabalho e a produção dos convidados, o que também é importante, mas promover interações e construir redes de pensamentos entre os profissionais é o que faz com que realmente haja o avanço do pensamento.

De qualquer forma, o festival internacional de fotografia Paraty em Foco prova, neste ano que completa sua décima terceira edição, que está vivo e pensante, carregado de boas ideias e com capacidade de trazer nomes de peso da fotografia.









Análise - Festivais de Fotografia

Valongo 2017

Partir do real para criar histórias próprias, na fronteira entre a ficção e o documental, onde tudo se mistura. Essa foi uma das essências dos trabalhos mostrados pelos convidados das mesas do Valongo Festival Internacional da Imagem, fossem eles profissionais do vídeo ou da fotografia. É propício jogar luz sobre esse tema, já que denota toda a força que as imagens têm de contar histórias, de criar narrativas visuais. Isso demonstra a importância que ganha essa discussão agora, que também foi o tema do festival Paraty em Foco deste ano. A Sala de Fotografia esteve em Santos com uma expedição fotográfica de sete pessoas para acompanhar de perto a segunda edição do Valongo, que ocorreu de 4 a 8 de outubro de 2017.

Vamos então, às discussões nas mesas e palestras que a Sala de Fotografia acompanhou em Santos.

Real e Imaginário

Um dos exemplos mais emblemáticos das falas no festival dessa mistura de ficção e documento foi do artista Jonathas de Andrade, na mesa “Terra Território”, conduzida por Ana Maria Maia na noite da quinta-feira. Em um trabalho apresentado em 2016 na 32ª Bienal de São Paulo, Jonathas filma pescadores tradicionais, mas ficciona a interação deles com o peixe: eles o abraçam e o acalmam até a morte, em um ritual inventado pelo artista.

“Procuo ter sempre essa ambiguidade da imagem, para o público poder ter espaço de interação nos meus trabalhos. Tem gente que acha lindo, tem gente que se revolta”. Jonathas de Andrade

Outro trabalho que mescla realidade e ficção de Jonathas é um filme sobre revolta de carroceiros. Mas, na verdade, ele partiu de uma lei que iria proibir os carroceiros na ruas de Recife, com a alegação dos maus tratos aos animais. Assim, ele teve a ideia de organizar uma corrida de carroças no centro da cidade, divulgando por meio de cartazes e conseguindo assim o comparecimento dos carroceiros.

O Valongo trouxe ainda uma mesa para falar desse assunto entre a verdade e a imaginação, no sábado à noite: “Registro do real, narrativa ficcional”, com António Júlio Duarte e Patrícia Almeida, com mediação de Horacio Fernández. O português António explicou quando foi a Macau como fotógrafo, e esse período coincidiu com a eleição para governador da região administrativa. Era uma campanha com candidato único, sem oposição, em um exercício inútil de democracia, pois não era eleição direta, segundo o fotógrafo. Ele fazia rapidamente as fotos para o jornal, e depois usava o resto do tempo para fazer fotos mais interessantes. E assim ele cria com suas fotos uma suposta tensão, cria uma certa ficção, quem vê essas fotos poderia achar que se trata de uma eleição normal, em qualquer parte do mundo, ao ver de uma forma muito rápida - como geralmente consumimos a mídia. Ainda, António inseriu personagens nessa sua narrativa.

Patrícia Almeida, também portuguesa, contou sobre seu livro “Minha vida vai mudar”, que também deu origem a um clipe depois. É um exercício de colagem, onde reúne muitos recortes de jornais. E cria a sua narrativa a partir





dessas imagens do mundo real. Essas montagens vieram das sensações, da crise da Europa que se ouve o tempo todo por lá, um discurso do medo. A inspiração dela era que estava doente na época, e quis fazer para seu filho uma espécie de cápsula do tempo pra ver como era o mundo nessa época. São imagens de muitas naturezas diferentes, há recortes, colagens, desenhos, há até imagens do processo de fazer o livro dentro do livro - e assim cria uma espécie de álbum. E nessa relação que as imagens tem umas com as outras cria um filme do livro. Nele, as imagens vão passando e dá uma sensação de tempo. A música do filme também remete ao mundo: é seu filho tentando cantar uma música em inglês. Ele inventa palavras como alguém que inventa uma língua. E no meio disso há sons, ruídos de notícias - esses sons deixaram o vídeo com um caráter ainda mais sério, como quando se vê momentos históricos preservados em museu.

Nós da Sala de Fotografia vimos o filme de Patrícia antes de ver a sua explicação na mesa, pois ele estava em exibição no Valongo. E, depois de ver a sua explicação, ficamos refletindo sobre a interação do espectador com a obra. Pois, ao assistir o vídeo, acreditamos que havia um sentido mais profundo e atrelado à crise na Europa, sobre esse processo de crise e mudança no continente. Até que por ser uma criança cantando “Get Lucky”, de Daft Punk (lucky é ‘sorte’ em inglês) imaginamos que talvez tinha algo a ver com precisar de sorte pra atravessar esses tempos difíceis na Europa com a crise econômica. Mas a explicação dela foi diferente, eram colagens como uma cápsula do tempo para seu filho, sobre esses tempos, e não necessariamente uma crítica à crise. É aí que

entra o espaço de interpretação do espectador, da sua imaginação e seus backgrounds que fazem tentar achar significado naquilo. É como disse o artista Jonathas de Andrade, que sempre deixa espaço pra interpretação do seu trabalho. Visitamos também a instalação com o vídeo do peixe no Sesc em Santos, uma das meninas achou um horror ao pensar no momento da morte, já outra achou muito lindo aquele momento de carinho para com a morte. A interpretação de cada espectador conta muito.

RGB

Uma das ideias lançadas no festival deste ano – que inclusive ilustrava o palco das discussões principais em um banner – era o projeto RGB: Registro Geral Brasileiro. O site do festival, em um texto assinado por latã Cannabrava e Thamyres Matarozzi, explica assim:

“Nossa intenção é incentivar a sociedade brasileira a desenvolver uma cultura sólida e sistemática de documentação, bem como promover o resgate e acervo dos materiais já produzidos. Sendo assim, utilizamos o festival como plataforma para lançarmos um movimento que busca ampliar as bases de construção dessa memória, chamado RGB – Registro Geral Brasileiro. Precisamos imediatamente registrar o presente para reinventar o amanhã.”

Durante reunião da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil, que ocorreu no sábado à tarde do festival, latã, que é um dos coordenadores e idealizadores do Valongo (e durante uma década idealizou o festival Paraty em Foco), explicou mais sobre o projeto.



“O RGB é para convocar cada cidadão com uma câmera, para que registre o que acontece no Brasil agora, para que daqui a 10 ou 20 ou 30 anos se entenda o que acontecia, pra ser óbvio daqui a anos o que acontece agora. É essa função dos fotógrafos, registrar o que acontece. Olhe, escute, registre, registrar histórias pra ter como parâmetro. Criar nossa potência de imagem. Convocamos fotógrafos pra ter documentos que no futuro ajudem a elucidar o que está acontecendo no Brasil agora.” latã Cannabrava

Reconhecemos que o RGB assume lugar de destaque como um projeto importante. É fundamental multiplicar a nossa visão do Brasil, pois muitos trabalhos estão atrelados a periferia. É verdade que aquele é um outro universo, e pode-se dar e potencializar a sua voz, já que ela não é ouvida, nem seu estilo de vida é mostrado. Mas é importante mostrar um outro país, outras realidades, que também convivem nesse mesmo território, como o próprio dia a dia da classe média. É fundamental documentar todos os contextos, não só para gerar identificação, mas para a construção de uma identidade brasileira mais sólida.

A Rede de Produtores Culturais da Fotografia

no Brasil reúne profissionais que atuam na cadeia produtiva da cultura na área da fotografia no país. Ela pretende estabelecer um canal de comunicação entre os diversos setores da fotografia brasileira, colocando-se como representante das iniciativas culturais no âmbito fotográfico. Ainda durante a reunião da Rede, seu presidente, João Kulcsár, destacou que essa união dos produtores culturais em fotografia está sendo retomada. Uma das principais discussões foi a proposição de ideias para o site, que deve ser lançado em breve. Carmen Negrão, diretora adm-financeiro, ressaltou que a Rede já possui representantes em todas as regiões do Brasil.

Curadoria

Nesses tempos difíceis para a cultura, o papel do curador, que aponta caminhos e que se reinventa a cada projeto é cada vez mais importante. A mesa da quinta à noite no Valongo trouxe justamente essa discussão. “Caminhos Curatoriais” contou com as presenças de Diane Lima, Denise Gadelha, Galciani Neves, e, como mediador, Ronaldo Entler.

“O curador tem uma responsabilidade muito grande, tem o poder de dar visibilidade à produção artística, e de transformar a sensibilidade.” Ronaldo Entler

Diane Lima defendeu que é preciso refletir sobre o lugar da curadoria, pois ela lança vozes diferentes para montar um discurso, e que propõe novas lentes.

“O curador é aquela pessoa que pode ressignificar estereótipos raciais. É curando que eu me curo. Curadoria pode vir de resistência, ser instrumento de projeto político que é iminente à discussão.” Diane Lima

O mediador Ronaldo inseriu na discussão de que curar não significa conforto pleno. “Se

conserta, também se desconserta um pouco”, disse, referindo a que a arte não serve apenas para ser bonita e agradar.

Denise Gadelha afirma que vê melhoras na aceitação da arte, apesar de tudo.

“Há melhoras. Ainda vemos absurdos como ainda estarmos lidando com escravidão nesse século, mas temos avanços. Uma vez não podia falar do rei sem perder a cabeça. Como artista eu não escolho o que eu faço, eu só tenho que fazer, eu não consigo não fazer. Não estamos indo num caminho pela liberdade, e arte deve fundamentalmente se basear pela liberdade.” Denise Gadelha

Já para Galciani Neves, há que se ter um meio termo.

“Há que se escolher um lado, não sei que lado é esse ainda. Não vejo como nem tanto céu ou inferno. Não vejo como não me colocar. Na crise da palavra, há coisas ditas e não tem volta. Tem que ser algo de diálogo, como afirmação, arte tem essa tarefa, não é de sanar a dor, mas piorar a dor pra algo voltar a se dito ou falado. Há sempre um perigo sobre refletir arte e sempre perigo ser artista curadora.” Galciani Neves

Diane ainda destacou a importância de uma mesa com três mulheres curadoras discutindo sobre o assunto da curadoria, o que reforçou este momento de micro revoluções que vivemos, em um caminho de expansão de consciência.

Denise ainda falou sobre a pressão que o curador sofre, por estar no meio da discussão entre o artista e a instituição.



“Vejo o curador como interlocutor. Orquestrador. O processo de cura é inerente. Qualquer ação artística envolve isso. Curador atesta, atribui valor, dá aval, assina embaixo. O curador é placa tectônica sendo esmagado. Ele dá a cara a tapa, pois se culpa a ele por ter permitido algo, e ainda sofre a pressão do outro lado, a do artista. Dizem que curador é poderoso, mas poderoso é o circuito das artes, é a instituição. Curador está no meio sofrendo pressão na frente e atrás.” Denise Gadelha



Para Galciani, é importante humanizar o curador.

“Destituir ideia de curador iluminado, mas ver que rala, que estuda. Na verdade curador não está sozinho. Trabalha na pesquisa, se deixando atravessar. Não acredito que exista essa independência. Sempre precisa de rede, de força tarefa pra exposição se erguer.” Galciani Neves

O porto e a cidade

O Festival Valongo deu mais uma prova da sua iniciativa de se aproximar e deixar um legado para a cidade de Santos na mesa “Porto-praia-cidade: novas fronteiras”, que ocorreu no Museu do Pelé na sexta-feira pela manhã. Nesta discussão, participaram representantes do porto, da prefeitura, do governo do Estado, de instituição privada, bem como do próprio festival.

O primeiro a falar foi Alex Oliva, representante da CODESP - Companhia Docas do Estado de São Paulo, representando o porto de Santos. Ele destacou que existe um mito na cidade, onde se julga que tudo que acontece de ruim é por culpa do porto. Ele destacou que precisa haver diálogo e entendimento, buscando soluções conjuntas, onde cada parte fique responsável pelo que lhe compete. Afinal, o porto é muito importante para Santos, já que corresponde a 72% da receita da cidade.

O representante da prefeitura de Santos, José Antônio Rezende, concordou que o porto é uma grande vantagem para Santos, e destacou dados que indicam que a cidade está entre as 10 melhores para se investir no Brasil. Segundo ele, é possível conciliar os fatores ambiental, social e cultural.

Iatã Cannabrava, como representante do Festival, explicou que logo de cara a prefeitura comprou a ideia de promover esse encontro da fotografia na cidade, mas queria que ele fosse realizado no Centro Histórico, e não no Porto, por temer a insegurança da região. Mas os organizadores mantiveram sua proposta, com a ideia de revitalizar esse espaço, utilizando a imagem como instrumento social. A ideia não é só fazer o festival, e sim deixar um legado, a partir do centro de narrativas visuais – que neste ano ganhou o nome de espaço coletivo de publicações, já que está mais viável fazer pequenos livros do que filmes neste momento no país. Nestes dois anos, com mais de 4 mil pessoas circulando com câmeras fotográficas de madrugada na zona do Porto, nenhum problema de violência aconteceu.

O secretário estadual da cultura de São Paulo, José Luiz Penna, destacou que um evento como o Festival Valongo pode produzir uma contra onda civilizadora, valorizando a inteligência,



pois vive a contramão de um movimento fascista que assola o Brasil, ramificando uma intolerância que o país desconhecia até então. Para ele, a cultura é o bunker mais importante para a travessia do Brasil agora, e não importa dizer que para a cultura não há dinheiro, já que a elite não tem consciência da economia da cultura. O importante é agir mesmo assim, ter ações, pois desta forma se pode ter uma restituição da democracia descompromissada da sociedade como um todo.

Eduardo Saron representante do Itaú Cultural, que é um dos patrocinadores do Valongo – ao lado da Lei Rouanet, ressaltou que a arte é integradora e que faz com que as pessoas retomem espaços públicos.

“A cultura se dá pela capacidade das cidades de se mobilizarem.

A médio prazo, a cultura faz com que se precise de menos recursos pra presídio, pra segurança, pra própria educação, pois a arte é mesmo transformadora e nos faz nos reencontrarmos com espaços públicos. É minha identidade que está sendo construída no dia a dia e só vou compreender o outro nessa convivência e empatia, onde a arte tem poder fundamental. É mais simples do que a gente imagina a solução. É preciso compressão do conjunto de gestores, os que estão à frente da saúde, do transporte público. Quando a cultura é vista como matricial, ela pode transformar as pessoas.” Eduardo Saron

Ao longo da discussão, latã ressaltou que quase se cometeu um erro de se pensar que havia um problema entre cada representante, mas não há problemas, e sim soluções, soluções pequenas como o Festival Valongo. Ele ainda defendeu a necessidade de romper com o que aparece na mídia, com o que achamos que é real – assim surge a ideia da hashtag “porto de vista valongo” – para que se postem coisas interessantes sobre o Porto, e não apenas a sua degradação, mudando o que é visto quando alguém faz uma pesquisa na internet sobre o local. Pois



é assim que se transforma as impressões de quem pesquisa. Latã citou um exemplo de que, quando se pesquisa “corte de cana no Brasil” no Google, as imagens que aparecem são do corte com facão, apenas, mas isso é irreal: menos de 3% do corte é feito dessa forma no país. A ideia da hashtag se une com o projeto RGB, Registro Geral Brasileiro: registrar a realidade que cada um vê, aumentando a nossa dimensão do que conhecemos e do que aparece, ampliando a diversidade.

Latã ainda destacou a vinheta oficial do Festival Valongo deste ano, que também explora a diversidade, mas que foi criticado nas redes sociais pelo estranhamento que provoca. Na verdade, nós da Sala de Fotografia consideramos o vídeo genial, bem produzido, com uma mensagem muito pertinente de resistência nos dias difíceis para a cultura que vivemos.

Eduardo aproveitou a fala de Latã para reforçar que precisamos sim apostar na diversidade. Ele explicou que os algoritmos dos aplicativos que usamos, como Facebook, Netflix, Google, selecionam o que acreditam que gostaríamos de ver. Mas assim deixamos de ver a diversidade, pois o que aparece é só o que já gostamos, pessoas que estão alinhadas com nossos pensamentos, que compartilham de nossas opiniões. Desta forma,

acabamos acreditando que todo mundo pensa da mesma maneira, dando uma falsa sensação de que estamos corretos o tempo todo, uma sensação de verdade absoluta. Ele defendeu que exista uma ferramenta com a qual possamos desativar esses algoritmos para que contemplemos a diversidade.

Cinema

Nem só de fotografia vive o festival Valongo, o evento trouxe artistas que trabalham com imagem de diversas formas, renovando ideias e inspirando a plateia a pensar para além de suas bases. Um exemplo disso foi a mesa “Ficcioneando mundos: arquivo e imagem em um Brasil sem memória”, composta por Marcelo Gomes e Jaime Lauriano, com Diane Lima, que ocorreu na sexta. A mesa, mais uma vez, retomou o tema do ficcional, partindo do real, que foi costurando os temas das discussões entre si.

Marcelo Gomes contou sobre a sua trajetória no cinema. Ele falou sobre dois filmes que dirigiu. O primeiro foi “Cinema, Aspirinas e Urubus”, que se passa no Nordeste, onde um personagem é alemão e romântico, e o outro é um nordestino amargo, numa inversão do estereótipo. O segundo filme citado foi “Joaquim”, que procura mostrar a história do cotidiano do herói Tiradentes, ficcionando a história real – assim, ele humaniza o personagem,

para passar a mensagem de que não só um herói pode ter ato político. Marcelo falou também sobre a importância do cinema: para ele, o cinema tem que estar presente em todas as escolas, pois é assim que se constrói a subjetividade.

“País sem cinema é como uma casa sem espelho, não tem lugar pra você refletir e descobrir a sua identidade. Tem que ser cinema plural, feito por pessoas diferentes. O presente não surgiu do nada, vem do nosso passado. Acho que estamos nessa situação porque não temos percepção das rupturas do passado. É fundamental entender a história de onde veio. Não existe revolução sem novas formas, sem novos corpos, a revolução é negra e transgênero, esses corpos que desde 1500 estão quebrados.” Marcelo Gomes

Jaime Lauriano também falou um pouco de seu trabalho, que traz uma forte carga de crítica a história, buscando em arquivos traumas históricos e trazendo para a sua produção artística, baseada em audiovisual, textos e objetos. Ele conta que escolheu as artes visuais para tentar entender o Brasil.

“Não existe diálogo se não tem memória, e não tem memória se não tem diálogo. Eu assumi que meu trabalho não é melhor que de ninguém, não é diferente, só estou fazendo reflexão sobre assuntos

e jogando para pessoas e vendo como isso reflete sobre elas.” Jaime Lauriano

Em um discurso contundente, Jaime questionou todos os padrões de nossa sociedade, inclusive o próprio festival, questionando o seu modelo de ser feito dentro de um teatro, e não na rua, ou numa parada de ônibus.

“A democracia nunca existiu no país. Democracia é uma invenção. A meritocracia é a maior falácia que se acredita dentro da democracia. Tudo é limite, família, democracia.

Tem que explodir tudo, não quero esse limite pra mim.” Jaime Lauriano



Outra mesa que falou sobre cinema foi “Difícil é o ser humano, máquina não dá defeito”, também na sexta à noite no Festival. O título da mesa vem do filme “O Homem das Multidões”, de Cao Guimarães. Ele falou sobre o filme, que é sobre a solidão na metrópole, inspirado em um conto de Edgar Allan Poe.

Integraram a mesa ainda João Carlos Guedes da Fonseca, com mediação de Livia Aquino. João fez uma análise do filme de Cao, correlacionando diversas obras e saberes.

“O filme traz um imperativo que faz com que o espectador encontre tempo e ritmo pra ver um longa que pouco tem a ver com o que está acostumado. Mais de dois terços do filme se passam em silêncio, e em determinado momento isso para de nos incomodar e a gente entra nessa cadência.” João Carlos Guedes da Fonseca

Última mesa

A mesa de encerramento do Valongo pretendia trazer o artista português Fernando Lemos, agora com 91 anos, para contar sobre a sua carreira. Contudo, quem conduziu “Fernando Lemos, um surrealista no Brasil” no sábado à noite foi Rubens Fernandes Junior, devido a um problema de saúde de Fernando. Rubens contou a vida e obra do artista, mostrando suas incríveis fotos surrealistas, que na década de 40 serviam para confrontar a ditadura portuguesa. Rubens citou frases do próprio artista:

“A fotografia é o resultado visual de tudo que se adquiriu ao longo da vida. Uso todas as cenas de cinema, de teatro, um tapete... não é um capricho ou ocasião, mas do desejo de desocultar as coisas...a fotografia é parte da ânsia de desocultar.” Fernando Lemos



Somente em 1954 ele se mudou para o Brasil, onde continuou produzindo, seguindo para além da fotografia e experimentando outros campos.

“A fotografia contemporânea diante de tanta mesmice é um cemitério, não é memória é um esquecimento.”
Fernando Lemos

Exposições fotográficas

Ao longo do dia, nos intervalos entre as atividades do festival, os participantes do evento eram encontrados circulando pelas exposições que ocupavam diversas ruínas do bairro. A interação das instalações com as casas em ruínas promovia um espetáculo à parte, revalorizando totalmente um espaço que, a primeira vista, poderia parecer degradado. Exposições como “Excessocenus”, de Cristina de Middel e Bruno Morais, e “Mercúrio” e “White Noise”, de António Júlio Duarte, traziam, além de belas imagens, pertinentes reflexões sobre nosso mundo e o papel da imagem nele. “Visões de um poema sujo”, de Márcio Vasconcelos, baseado no “Poema Sujo”, de Ferreira Gular, fazia uma ponte entre fotografia e literatura, transcrevendo as palavras em cliques. Diógenes Moura, curador da mostra, escreveu um texto genial para introduzir o espectador nas fotografias de Márcio, ele mesmo se transfigurando num poeta, num texto de fluxo de consciência. Diz um trecho do texto:

“você me disse que assim, como aqui está, seria essa a sua visão do Poema Sujo original: existência absorta, homens aos nacos, cornucópia, o sexo desnudo, a garganta das coisas, cicatrizes”. Diógenes Moura

Conclusões

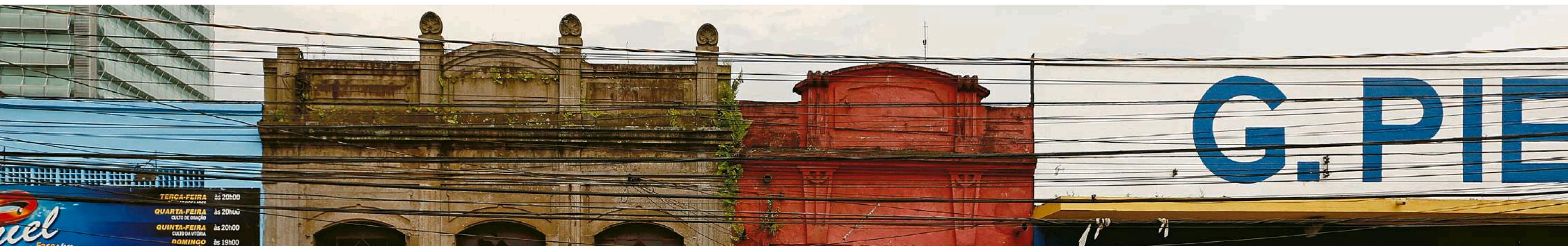
O Valongo é um festival inclusivo: além de aumentar a ocupação de um espaço abandonado no entorno do Porto de Santos, dando a ele um novo uso e significado, conseguiu integrar a comunidade santista para participar das exposições fotográficas e das festas. Para participar da maioria das atividades, não era necessário

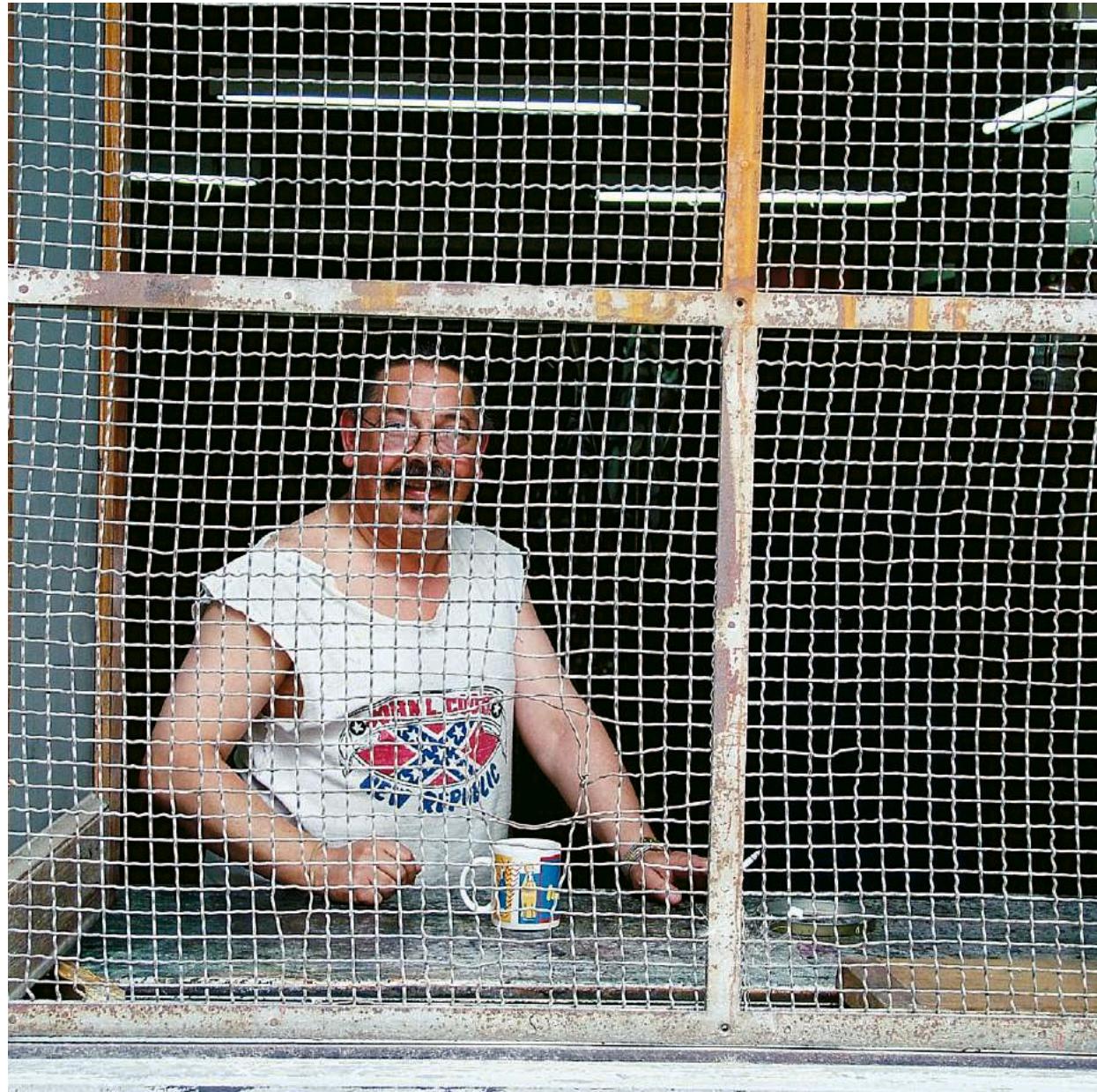
nem fazer inscrição – no ano passado a inscrição gratuita no site dava direito a uma pulseirinha para ingressar nos eventos, o que de fato podia dificultar a inclusão. Outro ponto facilitado para os participantes foi que não era mais necessário retirar previamente os ingressos para as mesas no Teatro Guarany, a entrada era garantida por ordem de chegada, o que ajudou muito para quem participou de todas as atividades.

Ainda em comparação com o ano passado, sentimos falta dos trailers antes de cada mesa no Teatro Guarany. Vimos ótimos projetos em 2016 neste formato com apenas sete minutos para apresentação. Estes trailers foram uma forma genial de exibição, interessando tanto ao público quanto quem mostrava, garantindo visibilidade de forma muito rápida.

Quanto ao público, notamos que diminuiu nas palestras do Teatro Guarany, em relação a 2016. Contudo, na Feira Plana – que dá espaço para expositores mostrarem sobretudo fotolivros e outros projetos gráficos – o movimento estava consideravelmente maior. Outra atividade que reuniu muita gente foi o encontro de Nair Benedicto – uma fotógrafa com muitos anos de atividade, com a Mídia Ninja, um canal de mídia alternativa. O evento, que ocorreu em frente ao Museu Pelé na noite da sexta-feira, e seguiu madrugada a dentro, trouxe uma boa interação entre o público, que questionava o tempo todo, com os convidados do debate.

Mais interessante de tudo no Valongo é que é um festival que traz articulação entre cultura, arte, política e público. Que consiste em fazer com que aja uma relação entre diversas instâncias dentro de um evento de fotografia, discutindo não só a imagem, mas sim como a imagem pode ajudar a solucionar problemas da cidade. Ainda, consegue transitar por diversos meios, aproximando o público da periferia da comunidade acadêmica, e reocupa espaços abandonados, trazendo de volta para a comunidade. Valongo é mais do que um simples festival de fotografia, é um evento projetado para ter uma importância maior neste cenário, transformando quem dele participa.





Curadoria - exposições fotográficas

Retratos da Alma

por Ilka Filippini
curadoria de Liliane Giordano



Ilka Filippini exibiu no mês de novembro seus retratos da alma na Casa da Cultura de Caxias do Sul. A curadoria foi de Liliane Giordano, da Sala de Fotografia. Confira o texto de conceituação da exposição e alguns dos retratos de Ilka.

Somos diferentes. Quando cruzamos a soleira da porta de casa em busca de aventuras, na procura por conhecer o que o mundo oferece, atravessamos com a determinação de ir em busca do que não é igual. Seja em paisagens, comidas, costumes. Queremos ver, sobretudo, como as pessoas vivem. O que há no diferente que tanto nos fascina, nos aproxima, nos repulsa?

O que nem sempre estamos prontos a enxergar são as semelhanças. Há alguns aspectos que são intrínsecos à alma humana. E isso transparece mesmo sem nem trocar palavras em um idioma desconhecido. Transparece no rosto, na expressão. No olhar.

E olhar é o exercício proposto na exposição “Retratos da Alma”, de Ilka Filippini. Comece por estes retratos para enxergar o igual. O parecido que há em cada rosto, em cada expressão. Neste exercício de observar, a troca de olhares é mútua. O retrato olha para você, que o olha. E assim, mais do que observar as diferenças nos traços, perceba as semelhanças na alma, nos desejos.

No jogo de tentar perceber o igual, somem as barreiras, as fronteiras. Somem os preconceitos. Desaparecem os julgamentos. Porque só se julga o que se interpreta como diferente.

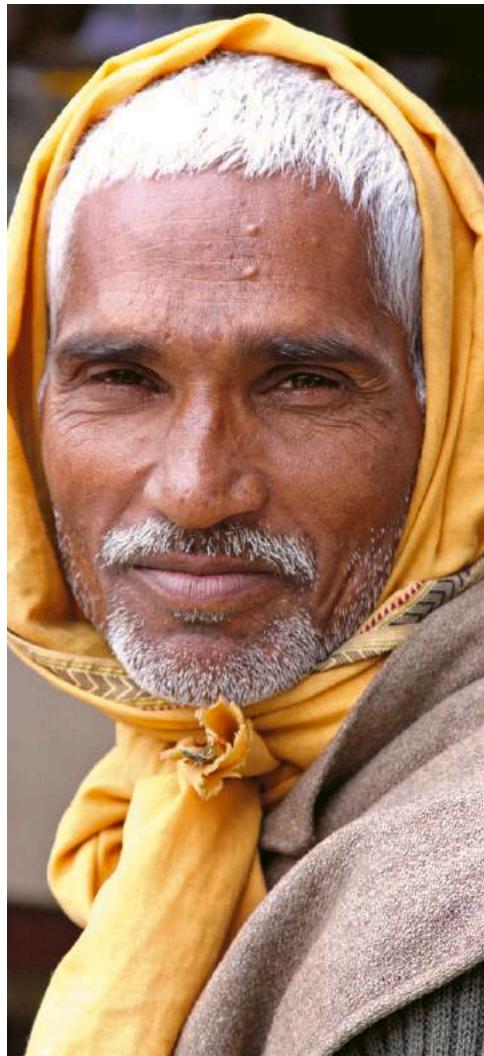
A força das fotografias de Ilka reside nesta captura do olhar furtivo, na expressão que deixa escapar muito dos anseios da alma. Fica a impressão de que cada retratado está pronto para saltar da sua moldura e começar a conversar conosco, agora mesmo. É uma fotografia que brinca com a ideia de ser pintura, que ilude com o jogo de ser real ou ficção, que, mais uma vez, borra as fronteiras e constrói espaços para reflexão.

Reflexão esta sempre baseada na certeza de que somos todos iguais. As molduras, chamativas, remetem a ideia de valorização e nivelção de todos os seres que se encontram ali enquadrados. Não há distinção: na vida, todos nós merecemos uma oportunidade de sermos pintados em nossas melhores cores, e exibidos como peça de arte. Porque cada alma é única, e merece as mesmas oportunidades.

Se somos únicos e exclusivos, também somos todos iguais. E, ao perceber isso, podemos reajustar nosso lugar no universo. Percebendo os outros seres que coabitam este espaço conosco, deixamos de ser o centro, e passamos a reavaliar nossos desejos cotidianos. Só o essencial se torna visível, então.

Curadoria Liliane Giordano





Aprendemos nos livros de fotografia

“QUEREMOS ENTENDER ESTE EXCESSO
DE IMAGENS QUE INUNDAM NOSSOS
OLHOS; ESTA PROLIFERAÇÃO DE
IMAGENS, INCESSANTE E REPETITIVA,
QUE PRETENDE ATUAR SOBRE
NOSSAS MENTES E SOBRE NOSSOS
COMPORTAMENTOS; AS ESTRANHAS
IMAGENS QUE GERAM O PODER E QUE
SE DIRIGEM A NÓS COMO CLIENTES,
COMO CONSUMIDORES E QUE NOS
DEIXAM SEM IMAGENS PRÓPRIAS.”

Jorge LARROSA. Las Imágenes de la Vida y la Vida de las Imágenes:
tres notas sobre el cine y la educación de la mirada.

Celebração

Os 10 anos da Sala de Fotografia

Muitos olhares acompanham a Sala de Fotografia há 10 anos. Outros, há apenas um mês. O tempo é relativo, e às vezes parece infinito, quando conquistamos novas amizades e modificamos a nossa forma de olhar para sempre. O que importa mesmo é os laços que criamos e os novos olhares que despertaram por meio da fotografia nesta década. Despertaram para um mundo mais colorido, cheio de detalhes, de nitidez, de sombra e luz. Pois assim é a fotografia: uma vez que ocorre a educação do olhar, não se pode mais deixar de ver o que sempre esteve lá, mas antes passava despercebido.

E esses olhares não são homogêneos. A parte mais interessante de tudo é sempre a diversidade, que nos tira da mesmice, do tédio, nos descortina novos paradigmas. E é esta diversidade do olhar que celebramos nos 10 anos da Sala de Fotografia, comemorados em 2017. Diversas atividades integraram as comemorações neste ano, como a exposição coletiva “Sala de Fotografia 10 anos”, com as fotos de nossos alunos.

As 70 pessoas que participaram da exposição são uma pequena mostra dos mais de mil alunos que já passaram pela escola de fotografia. Eles representam o pilar fundamental da Sala, quando ela foi criada: ensinar fotografia e educação visual, e, ainda, proporcionar um apoio concreto a quem queria iniciar na profissão de escrever com a luz, mas não fazia ideia de por onde começar, qual caminho seguir, a quem pedir um conselho para montar seu estúdio. Nesta comemoração, podemos afirmar que seguimos isto com maestria.

São mais de 150 turmas que clicaram o mundo sob outra perspectiva a partir do décimo sétimo andar do Edifício Estrela.

Dia a dia deste percurso, a Sala foi se tornando maior. Ainda hoje nos consideramos uma escola de fotografia, pois a educação visual continua sendo o cerne do nosso trabalho, está no nosso âmago. Mas o que fazemos ampliou muito os seus leques de atuação, tal como uma borboleta que expande lentamente suas asas ao deixar o casulo pela primeira vez. Aos poucos, agregamos novos cursos, com novos professores que trouxeram novos olhares à atuação da escola. Nomes como Sil Borges, Cintia Estevão, Ale Ruaro, Zuza Seffrin, Carla Farias Souza, Luis Fernando Barp, Sara Verza.

Depois, expandimos as saídas fotográficas locais, para as expedições fotográficas nacionais e internacionais. Já são mais de 10 viagens a lugares tão remotos quanto a Ilha de Páscoa, ou tão perto como Uruguai, Chile, Canela ou São Paulo. De novo, a ideia é a diversidade. O que queremos é conhecer, não importando os quilômetros que sejam necessários para isso, afinal, às vezes é na estrada que encontramos os melhores cliques.

Na história da Sala, logo passamos também a promover exposições fotográficas coletivas com nossos alunos, frutos de suas experiências, ou a partir de expedições fotográficas. Essas experiências de escolher, selecionar, editar, imprimir fotografias foram ganhando corpo, e hoje se transformaram na incrível jornada da curadoria de diversos projetos individuais de



fotógrafos. Curadoria esta que não incide apenas em exposições fotográficas, mas também em livros e projetos culturais de fotografia.

Falando em livros, o currículo da Sala de Fotografia também conta com a restauração de imagens antigas para publicações impressas, ampliando seu trabalho de edição de imagens. A expertise da edição de fotografias vêm da experiência em fotografar eventos como casamentos, formaturas, batizados, festas de aniversário. Afinal, se a fotografia é o que constrói a Sala, não podemos deixar de exercitar também os nossos cliques. Mas eles não são despreziosos. São fundamentados com projetos fotográficos como o Matrimônio, que propõe um olhar feminino sobre a fotografia de casamento, e o Retratos de Família, que busca a dinâmica de cada família, para ganhar intimidade e criar fotos únicas e expressivas. Todos esses cliques são entregues em um conjunto, pois estão inseridas em um projeto mais amplo. Não bastam fotos dispersas: há a constituição de uma história que, por meio dos álbuns fotográficos que diagramamos, é contada em uma narrativa visual com capítulos bem estruturados para a construção de uma identidade.

Nessas histórias de publicação, temos mais a contar. Nos envolvemos diretamente com a produção de calendários-revista, como o da Paróquia de Lourdes, editado a 9 anos, em parceria com a jornalista Margô Segat. Mais do que oferecer as fotografias, também atuamos diretamente na concepção e design destes calendários personalizados.

Também em projetos sociais e voluntários

trabalha a Sala de Fotografia. A escola envolve-se com diversos projetos de cunho social. O ensino da fotografia é expandido a crianças de baixa renda em escolas e associações. No período de Natal, anualmente a Sala organiza uma campanha de arrecadação de brinquedos para a escolinha Nosso Amiguinho, do Bairro Esplanada.

A arte da fotografia é mais do que uma paixão para todos nós, é uma área fundamental da comunicação e do conhecimento humanos, merecendo, portanto, todos os esforços de educação da comunidade neste sentido. Assim, a Sala foi uma das fundadoras e parceiras ao longo de todas as dez edições da Semana da Fotografia de Caxias do Sul. Na busca pela perpetuação da iniciativa, neste ano a escola buscou o apoio da Câmara de Vereadores por meio do vereador Alberto Meneguzzi para que ela se torne lei. O projeto foi aprovado com unanimidade na Câmara, e agora aguarda apenas a sanção do prefeito para ser lei – o que vai fazer com que o evento faça parte do calendário oficial de Caxias, garantindo a sua realização anual.

Neste reforço da educação visual da comunidade, a escola lançou esta revista online e gratuita. A publicação traz textos com reflexões pertinentes sobre as imagens – não só sobre a sua produção, mas a sua leitura e seus significados no contexto atual. Ela conta com o aval do que estudamos, unindo um mestrado em educação e uma graduação em jornalismo para produzir conteúdo relevante e de qualidade. A prova de que este trabalho é reconhecido em todo o meio fotográfico brasileiro é que recentemente, fomos convidados a escrever

uma coluna mensal na Fhox, um dos maiores portais de fotografia do Brasil.

As conquistas vêm se somando rapidamente e a borboleta abre suas asas mais e mais nos últimos anos na Sala de Fotografia, é verdade. Mas nem por isso ficaremos parados. Estamos lançando uma linha de produtos exclusiva da Sala de Fotografia. Serão vestidos, camisetas, moletons, calendários, quadrinhos, cadernetas. Todos com as incríveis fotos produzidas pela Sala. O objetivo desta linha é trazer fotografias contemporâneas, conversando com um olhar particular sobre o nosso cotidiano, aliando a beleza com valor.

Por fim, nos cabe agradecer, pois toda essa história de 10 anos não se construiu sozinha. Agradecemos aos funcionários que estiveram comigo e apostaram na Sala de Fotografia: Pricila Prux, Gessi Padilha Nunes, Sil Borges, Thaynne Andrade, Mariana Hoffmann, Mari Filippin, Luciane Módena, Sabrina Didoné, e outras estagiárias que estiveram conosco.

Agradecemos ainda a todos os parceiros, como Foto Itália, Laboratório Tomazzoni, Go Image, Via Color, Imprezz, Emílio Emoldurações, Manoela Pauletti, Clube do Fotógrafo de Caxias do Sul, Museu Municipal, Arquivo Histórico João Spadari Adami, Unidade de Artes Visuais e de Cinema da Secretaria Municipal da Cultura, Gráfica Golden, Gráfica Lorigraf, Fhox, Ideias que Colam, Milletour, Plug Ideias em Comunicação.

E a cada um de nossos alunos e clientes, que são a razão pela qual continuamos trabalhando dia a dia pela educação visual.





Concepção

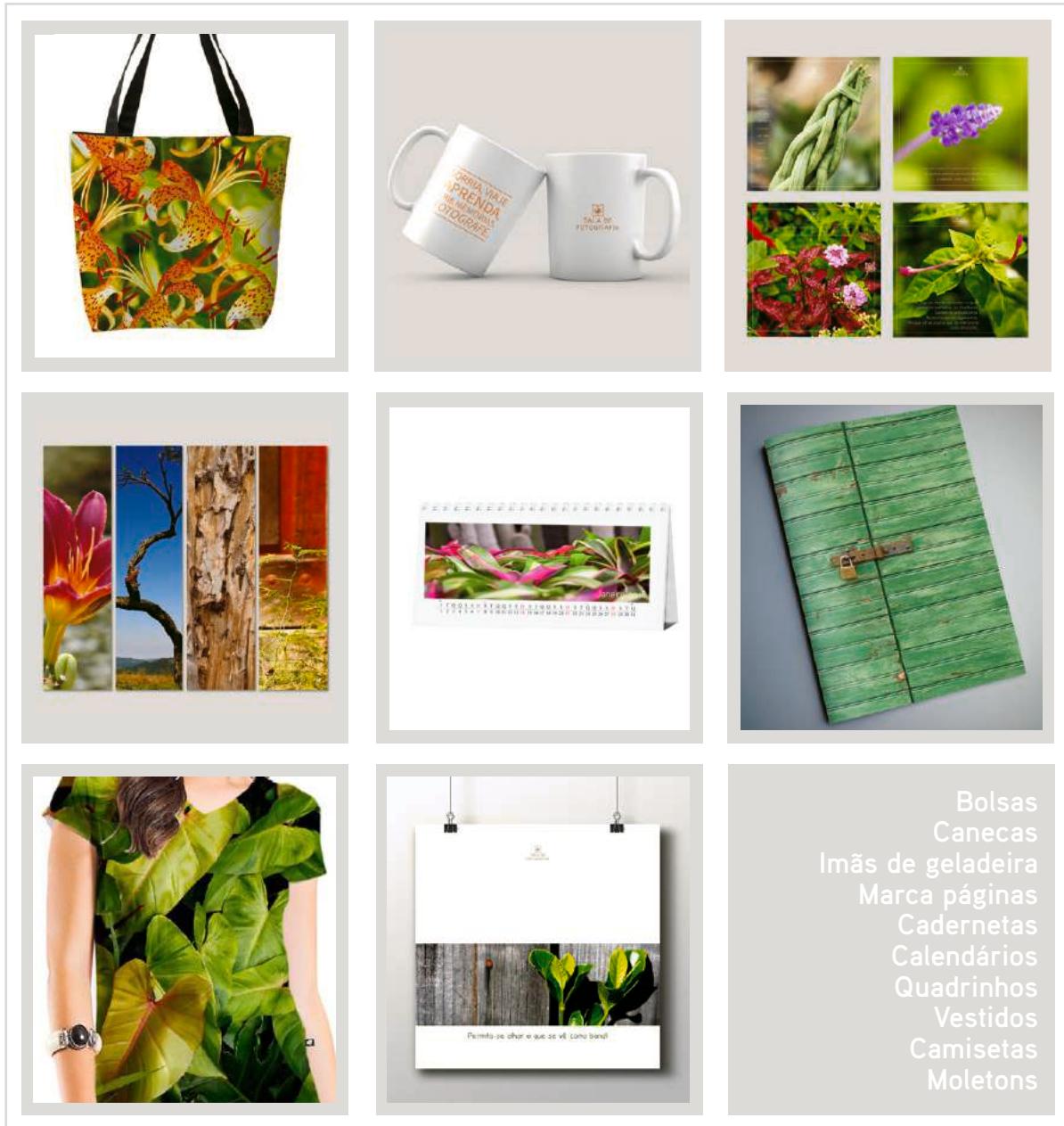
Lojinha Sala de Fotografia

Uma pequena coleção desenvolvida especialmente com uma série definida de fotografias, que conversam entre si a partir do orgânico e o concreto, mesclando o que é da natureza à construção humana. Assim é a linha de produtos da Sala de Fotografia, que lançamos neste final de ano para celebrar a primeira década de atividades. São vestidos, camisetas, moletons, calendários, quadinhos, cadernetas, imãs de geladeira, sempre com as fotos de Liliane Giordano.

É arte para ser usada, não em uma lógica utilitarista de dar um propósito a ela – arte não precisa de motivo pra existir, ela existe porque a vida não basta, diz Ferreira Gullar. A ideia aqui é o orgulho de vestir a camiseta com arte, atividade essa que é uma característica tão intrinsecamente humana.

O objetivo desta linha é trazer fotografias contemporâneas, conversando com um olhar particular sobre o nosso cotidiano, aliando a beleza com valor. As peças são desenvolvidas em uma empresa preocupada com o meio ambiente e a sustentabilidade.

As roupas da Sala de Fotografia garantem exclusividade a quem está vestindo: as peças são numeradas em uma tiragem limitada, e contam com a assinatura de Liliane Giordano.



Viagens

Expedições fotográficas Sala de Fotografia

A união entre viagem e fotografia não poderia ser mais perfeita. As fotos não só permitem que a gente lembre por onde passamos depois. Elas mudam a forma como vivemos a própria viagem. Pois, ao buscar o que clicar em um novo lugar que visitamos, passamos a olhar mais atentamente ao nosso redor, ficamos mais atentos às sensações, aos movimentos, aos elementos.

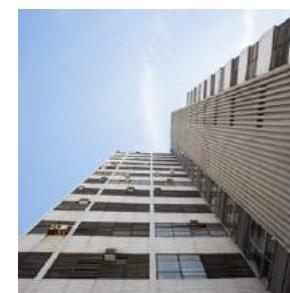
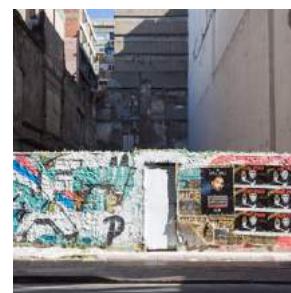
Passamos a ter mais calma. Não dá pra passar correndo por pontos turísticos se queremos fotografá-los bem. Paramos a cada curva da estrada. E é assim que a foto revaloriza uma viagem, não só no seu futuro, mas também no seu presente.

As expedições da Sala de Fotografia são preparadas para realizar uma verdadeira imersão na arte de fotografar. Na contramão dos turistas, não temos pressa, e paramos em cada lugar para contemplar e clicar.

Confira algumas fotos de nossa expedição fotográfica ao Uruguai, realizada em dezembro de 2016.



SORRIA, VIAJE
APRENDA,
CRIE MEMÓRIAS.
FOTOGRAFE.



Retrospectiva Sala de Fotografia 2017



JAN

finalização do planejamento da Sala de Fotografia para 2017



saída fotográfica a Santa Lúcia do Piaí - interior de Caxias do Sul

FEV



saída fotográfica à Lagoa do Rizzo - Caxias do Sul



Sala de Fotografia at the beach

MAR

palestra de Liliane Giordano na escola Ismael Chaves Barcelos, sobre “Fotografia, arte, tecnologia”



saída fotográfica a Templo Budista de Três Coroas



expedição fotográfica a Feira Fotografar, em São Paulo

ABR

palestra “Fotografia Contemporânea”, com Zuza Seffrin e Liliane Giordano na Sala de Fotografia



saída fotográfica ao Festival de Balonismo em Torres - RS

primeira turma do curso de edição de imagens “Lightroom e Nik Collection”, com Luís Fernando Barp, na Sala de Fotografia

MAI

Saída fotográfica ao festival de fotografia Fest Foto, em Porto Alegre

lançamento da Revista Sala de Fotografia nº2

participação do Congresso Go Image on Stage, em Caxias do Sul

entrevista ao vivo na Rádio São Francisco, sobre a Revista Sala de Fotografia

workshop “Fotografia Contemporânea”, com Zuza Seffrin na Sala

JUN

expedição fotográfica a Canela Foto Workshops e feira Alasul, em Canela

exposição “Matrimonium”, de Liliane Giordano e Thaynne Andrade, no Canela Foto Workshops

Liliane Giordano palestra sobre “Projetos fotográficos: define a narrativa da sua fotografia no Fhox Talks, na Alasul

participação na Feira ExpoCatólica-SP

JUL



Saída fotográfica
à Floricultura
Parque das
Flores

jantar
comemorativo
às expedições
fotográficas
da Sala

abertura da
exposição *Da
Patagônia ao
Fin del Mundo*,
na galeria do
Ed. Estrela

exposição
Matrimonium no
Museu Municipal

AGO

10ª Semana da
Fotografia de
Caxias do Sul:
Sala foi uma
das realizadoras
do evento, em
parceria com
a Secretaria
de Cultura

Sala propõe
projeto de lei
da Semana da
Fotografia com o
vereador Alberto
Meneguzzi

homenagem a
Liliane Giordano
pelo envolvimento
nas 10 edições
da Semana da
Fotografia no
Museu Municipal
de Caxias do Sul

SET

Saída fotográfica:
pessegueiros
em flor

expedição
fotográfica
ao festival de
fotografia Paraty
em Foco, no RJ

Liliane Giordano
atua como jurada
no concurso
fotográfico da
Brigada Militar

Liliane Giordano
palestra na
Primavera
dos Museus,
em Caxias

texto publicado
na Fhox, um
dos maiores
portais de
fotografia do BR

OUT

exposição
fotográfica
coletiva *Sala
de Fotografia
10 anos*



expedição
fotográfica
ao festival da
imagem Valongo,
em Santos - SP

exposição de
Liliane Giordano
na Associação
Criança Feliz

lançamento do
livro da Rádio
Caxias, o qual
a Sala fez a
edição das fotos

NOV

Saída fotográfica
a Antônio Prado

lançamento do
livro *Fluxo*, de
Jaque Pauletti, o
qual a Sala fez a
edição das fotos

exposição
Retratos da Alma,
de Ilka Filippini,
curadoria de
Liliane Giordano

exposição *Lyrae*,
de Thaynne
Andrade, com
curadoria de
Liliane Giordano,
no Atelier Livre,
em Vacaria

bate-papo sobre
curadoria no
Atelier Livre,
em Vacaria

DEZ

Calendário de
Nossa Senhor
de Lourdes,
com fotos de
Liliane Giordano

registros
fotográficos
em trabalhos
voluntários

entrega das
doações de Natal
na Escolinha
Nosso Amiguinho

21 turmas
do curso de
fotografia no ano

workshop de
fotografia no
Atelier Livre,
em Vacaria

Lançamento da
Revista Sala de
Fotografia nº3



Atividades

A importância da educação

A Sala de Fotografia se orgulha de ser uma escola. Realizamos muitas atividades, mas no nosso âmago sempre vai constar o amor pelo conhecimento, e pela sua difusão. Assim, gostamos de ensinar, mas também amamos aprender. Neste ano, participamos de muito mais do que os festivais de fotografia que aparecem nesta revista. Temos assistido a muitas palestras, encontros, seminários de áreas diversas, como psicologia, filosofia, literatura, turismo.

É que acreditamos que tudo conta, tudo inspira. Não só isso, mas ainda além: é pelo prazer do saber para algo a mais do que a lógica utilitarista. Não é para colocar no currículo, é por se interessar, por curiosidade. E, como vimos em uma frase de uma livraria no Uruguai, oriunda de Dorothy Parker: “o tédio se cura com a curiosidade. A curiosidade não se cura com nada”.

Afinal, a educação deve servir mais do que para o mercado, mas também para a formação do ser humano. É para transformar, seguir outro caminho para além da academia. Temos assistido a muitas palestras presenciais – o que é importante, pois o presencial nos garante uma experiência do encontro com o outro. Mas também temos visto muita coisa online, que complementa o conhecimento. Veja alguns eventos que participamos neste ano:

- Participação de encontro do “Diálogos” sobre “pixoartigrafite”, no Centro de Cultura Ordovás (mar/17)
- Palestra “Representação do Universo Feminino da Colônia a Caxias de hoje”, com a jornalista Adriana Antunes e com o filósofo e escritor Gilmar Marcílio. (mar/17)
- Oficina sobre “Projetos Culturais”, com a produtora cultural Florencia Del Carmem Nieto, no Muscap em Caxias do Sul (abr/17)
- Palestra com o artista Clóvis Dariano na Cubo Galeria de Arte, em Caxias do Sul (jun/17)
- Palestra da Ciranda do Pensamento: “A sociedade do cansaço ou o paradoxo da sociedade hipermoderna”, com o historiador Marcelo Caon e a jornalista Adri Antunes, no Centro de Cultura Ordovás (jun/17)
- Palestra “O que ganhamos com a cultura?”, com Doutor Honoris Causa italiano Nuccio Ordine na UCS (ago/17)
- Encontro “Diálogos: cultura arte censura”, com Rafael Dambros, a galerista Claudete Matias, Gilmar Marcílio, Caetano Fenner de Oliveira, Felipe da Silva Vitória, Márcio Ramos, Renato Filippini, Samuel Aguiar da Cunha e Carlinhos Santos. (set/17)
- Palestra “Literatura na Era da Imagem”, com o jornalista e escritor Juremir Machado, na Feira do Livro de Caxias do Sul (out/17)
- Palestra “Fotografia como Meio de Preservação de território”, com Fabiano Mazzotti, Carlos Gandara e Porthus Junior, na Feira do Livro de Caxias do Sul (out/17)
- Palestra “Passado e futuro das imagens”, com a artista Rosangêla Rennó (out/17)
- Encontro do Programa de Estudos em Arte Contemporânea, com Silvana Boone (nov/17)
- Seminário de Filosofia na escola Nova Acrópole (nov/17)
- Encontro do Dialogarte sobre “Roteiros da Curadoria”, com Susana Gastal. (nov/17)
- Palestra “Artista Curador / curador artista: caminhos, tramas e desvio – com Laura Cattani e Munir Klamt (dez/17)
- Muitos vídeos do canal Casa do Saber no Youtube
- Muitos vídeos com os professores Leandro Karnal e Luiz Felipe Pondé no Youtube
- Muitos cursos online da Eduk – plataforma de ensino à distância
- Todas as palestras do Fotoweb – seminário online idealizado por Roberto Cecatto com grandes fotógrafos brasileiros
- Participações em algumas palestras do “Órbita Literário”, encontros semanais falando sobre literatura, na Livraria do Arco da Velha
- Participações no “Outra Coisa”, encontros mensais falando sobre arte, no Café do Arco da Velha
- Curso educação e ética da USP – online – USP

Falando em educação, participamos de um Seminário sobre “Educação permanente, evolução permanente”, inserido dentro da Semana da Filosofia. O evento foi promovido pela Nova Acrópole – escola de filosofia à maneira clássica, que possui uma sede em Caxias do Sul, mas também está presente em muitas cidades do Brasil e do mundo em mais de 50 países, e que completa 60 anos em 2017.

A primeira palestra do seminário teve como tema “Filosofia, educação e evolução”, com Tiago Grandi. Ele destacou que atualmente a educação está muito fragmentada e utilitarista. Fragmentada, pois está cada vez mais especializada. Contudo, ao se especializar, não deveríamos perder a visão do todo, mas sim transitar por diversas áreas do conhecimento. E utilitarista, pois está nas mãos do mercado. De acordo com Tiago, neste momento, é importante repensar o propósito da educação: “serve apenas para mercado? Para colocar no currículo? Não serve para aprender a viver? Para lidar com o corpo? Para me perguntar quem sou, para onde vou? Para aprender a cultura, me inserindo assim de uma melhor forma no mundo que vivo?”, questionou.

Ainda de acordo com Tiago, a finalidade da educação precisa ser a evolução do ser humano, não limitando-o a uma carreira profissional. “Para que se estuda? Para viver melhor? Deixar algo bom para o mundo? Para ter na cabeça as teorias? Devemos romper os limites da educação a que estamos submetidos. Nossas possibilidades são muito maiores que o reducionismo, o consumismo...”, disse.

Tiago também explicou que o propósito da educação, o seu significado, é o de despertar o que está dentro do aluno, é fazer frutificar uma semente, que já tem um potencial dentro de si. O aluno não é um recipiente vazio, no qual se inserem os conteúdos, pelo contrário. O professor é um mestre que o ajuda, então, a encontrar a sua essência.

O curso de fotografia da Sala de Fotografia segue essa lógica



de ir além de apenas ensinar uma técnica ao aluno, mas revelando o seu potencial. Nas aulas, a professora Liliane não costuma dar um feedback “tudo ou nada” de seu aprendiz, não diz se está certo ou errado, bom ou ruim. Afinal, a partir do momento que ela dá sua opinião sobre uma foto de um aluno, ela já está condicionando ele à sua visão de mundo, ao seu olhar na fotografia – e na verdade, ele precisa descobrir do que gosta ou não por si. Precisa encontrar a sua criatividade e seu caminho.

Este curso pode ser para currículo profissional, é verdade. Mas também pode ser apenas como hobby. De qualquer forma, ele explora muito mais que a técnica fotográfica. As aulas permitem aprender a criticar as imagens que inundam nosso cotidiano, modificando o olhar a partir do conhecimento da leitura de imagens. Mais do que formar para ser fotógrafo, o curso, então, aposta nessa transformação de quem assiste às aulas, independente de continuar fotografando ou não. O olhar e a percepção das imagens jamais serão as mesmas, de qualquer forma.





Parceiros



www.saladefotografia.com

Rua Garibaldi, 789, Sala 177. Edifício Estrela, Caxias do Sul | RS
(54) 3534.8994 | 9.9981.9894 saladefotografia@gmail.com

